EDIÇÃO DE COLECIONADOR

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo, Victor Civita

Presidente Executivo Abril Mídia: Jairo Mendes Leal

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretor Digital: Manoel Lemos
Diretor Financeiro e Administrativo: Fábio d'Avila Carvalho
Diretora Geral de Publicidade: Thaís Chede Soares
Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogerio Gabriel Comprido
Diretora de Recursos Humanos: Paula Traldi
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Claudia Giudice

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Redator-chefe: Mauricio Barros **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Designer:** L.E. Ratto **Editor:** Felipe Zylbersztajn **Repórter:** Breiller Pires **Revisão:** Renato Bacci **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor), Aldo Teixeira, André Luiz, Dorival Coelho, Marisa Tomas, Cristina Negreiros, Fernando Batista, Leandro Alves, Luciano Custódio, Marcelo Tavares, Marcos Medeiros, Mario Vianna e Rogério da Veiga **Colaboraram nesta edição:** José Vicente Bernardo (editor de texto), Pedro Proença (Repórter), Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Renato Pizzutto (fotógrafo), Gabriela Oliveira (designer), Cacau Lamounier (designer)
www.placar.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS: Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Pesquisa e Inteligência de Mercado:** Andrea Costa **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcia Soter, Mariane Ortiz, Robson Monte **Executivos de Negócios:** Ana Paula Teixeira, Ana Paula Viegas, Caio Souza, Camila Folhos, Camilla Dell, Carla Andrade, Claudia Galdino, Cleide Gomes, Cristiano Persona, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fabio Santos, Jary Guimarães, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcio Bezerra, Marcus Vinicius, Maria Lucia Strotbek, Nilo Bastos, Regina Maurano, Renata Miolli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Susana Vieira, Tati Mendes **PUBLICIDADE DIGITAL: Diretor:** André Almeida **Gerente:** Virginia Any **Gerente de Estratégia Comercial:** Alexandra Mendonça **Executivos de Negócios:** André Bortolai, André Machado, Caio Moreira, Camila Barcellos, Carolina Lopes, Cinthia Curty, David Padula, Elaine Collaço, Fabíola Granja, Flavia Kannebley, Gabriel Souto, Guilherme Bruno de Luca, Guilherme Oliveira, Herbert Fernandes, Juliana Vicedomini, Laura Assis, Luciana Menezes, Rafael de Camargo Moreira, Renata Carvalho, Renata Simões **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Cristiano Rygaard, Edson Melo, Francisco Barbeiro Neto, Ivan Rizental, João Paulo Pizarro, Mauro Sannazzaro, Paulo Renato Simões, Ricardo Mariani, Sonia Paula, Vania Passolongo **Executivos de Negócios:** Adriano Freire, Ailze Cunha, Beatriz Ottino, Camila Jardim, Carolina Louro, Caroline Platilha, Catarina Lopes, Celia Pyramo, Cleo Chies, Daniel Empinotti, Henri Marques, Ítalo Raimundo, José Castilho, José Rocha, Josi Lopes, Juliana Erthal, Julio Toriorello, Leda Costa, Luciene Lima, Pamela Berri Manica, Paola Dornelles, Ricardo Menin, Samara Sampaio de O. Reijnders **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Diretora:** Eliani Prado *Segmentos Dedicados* **Gerente:** Ana Paula Moreno **Executivos de Negócios:** Adriana Pinesi, Alexandre Neto, Catia Valese, Fabiano Mendes, Paula Perez, Regiane Ferraz, Tatiana Castro Pinho *Segmento Casa* **Gerente:** Marília Hindi **Executivas de Negócios:** Camila Roder, Cida Rogiero, Juliana Sales, Lucia Lopes, Marta Veloso, Pricilla Cordoba *Segmento Automotivo e Esportes:* Marcio Marini **Executivos de Negócios:** Mauricio Ortiz, Rodolfo Tamer *Segmento Moda:* Nanci Garcia **Executivos de Negócios:** Kauê Lombardi, Michele Brito, Vanda Fernandes *Segmento Turismo:* Solange Custodio **Executiva de Negócios:** Zizi Mendonça **DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **INTEGRAÇÃO COMERCIAL Diretora:** Sandra Sampaio **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretora de Marketing:** Simone Sousa **Gerente de Marketing:** Tiago Afonso **Gerente de Núcleo:** Cinthia Obrecht **Gerente de Publicação:** Eduardo Dias **Analista de Publicações:** Carina Castro, Felipe Santana e Lissa Arakaki **Gerente de Eventos:** Evandro Abreu **Analista de Eventos:** Adriana Silva dos Santos **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Juarez Ferreira **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** André Vasconcelos **Gerente:** Victor Zockun **Consultor:** Tales Bombicini **Processos:** Igor Assan, Sueli Aparecida e Renato Rosante **ASSINATURAS: Atendimento ao Cliente:** Clayton Dick **RECURSOS HUMANOS: Consultora:** Camila Morena

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 7º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Alfa, Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Delícias da Calu, Dicas Info, Publicações Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info, Lola, Loveteen, Manequim, Máxima, Men's Health, Minha Casa, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Runner's World, Saúde, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você RH, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1361-E (EAN 789.3614.08332-2), ano 41, dezembro de 2011, é uma publicação da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER

Abril S.A.
Conselho de Administração: Roberto Civita (Presidente), Giancarlo Civita (Vice-Presidente), Esmaré Weideman, Hein Brand, Victor Civita
Presidente Executivo: Fábio Colletti Barbosa
www.abril.com.br

PRELEÇÃO

SÉRGIO XAVIER FILHO / DIRETOR DE REDAÇÃO

Obrigado, Doutor

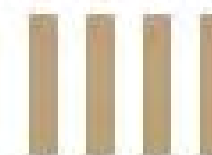
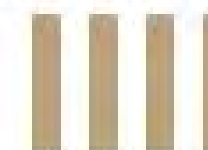
conteceu há alguns anos. Era a inauguração do camarote de Raí no estádio do Morumbi. Lugar sofisticado, projeto do arquiteto são-paulino Ruy Ohtake. Na parede, fotos da vitoriosa carreira do jogador. Raí foi grande. Campeão da Libertadores, mundial, rei na França, campeão do mundo com a Seleção Brasileira. Nessa noite, haveria um debate sobre futebol e o convidado principal era o irmão de Raí. Quando Sócrates começou a falar, contar histórias, a fisionomia de Raí mudou. O dono da festa não estava mais lá. O olhar agora era de um fã comum, observando seu ídolo. Raí tinha voltado a ser o "pivete" de Ribeirão Preto, fascinado por um irmão mais velho que brilhava tanto no gramado quanto fora dele. Uma cena bonita, acreditem.

"Pivete" com o irmão maior: uma admiração revelada pelo olhar

Não é preciso ser irmão para admirar Sócrates. O que ele fez é quase inimaginável nos dias de hoje. Conciliou os seis anos da faculdade de medicina com a carreira de jogador de futebol. Conciliou uma agitada vida política com o posto de rei do Corinthians. Em todas os papéis, foi grande. PLACAR contou tudo isso nos anos 70 e 80. Fizemos uma contagem e chegamos a quase 80 capas em que ele aparece. Em 51 delas, figura em destaque. Sim, o editor da época, Juca Kfouri, era corintiano e amigo de Sócrates, é verdade. Mas PLACAR apenas contou bem uma incrível história que estava acontecendo. Sócrates era "o cara".

Horas após a notícia de sua morte, no domingo final do Campeonato Brasileiro, decidimos que isso não ia ficar assim. Se não tínhamos o poder de trazê-lo de volta à vida, pelo menos iríamos homenageá-lo com uma revista especial. Folheando as próximas páginas e pensando melhor, dá para dizer que ele já está de volta, sim. No melhor de sua forma.

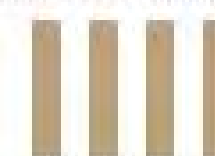
© CAPA: RODOLPHO MACHADO ©1 FOTO JOÃO RAPOSO

SUMÁRIO

VENCEDOR
Acima, Sócrates prestes a ser campeão Paulista pelo Corinthians, em 1982.
Ao lado, em duelo contra o Fluminense

O MESTRE
Ao lado, orienta o time do Corinthians em fevereiro de 1980. Abaixo, nos tempos de Botafogo de Ribeirão Preto

1 FOTO J. B. SCALCO 2 FOTO IGNÁCIO FERREIRA 3 FOTO JOSÉ PINTO

PARCEIROS
Ao lado, com o jovem Casagrande nos tempos da Democracia (1982-1984). Abaixo, comemorando um gol com Palhinha, em 1978

O DOUTOR E O GALO
A parceria entre Sócrates e Zico no Flamengo não foi tão brilhante quanto na Seleção de 1982

©1 FOTO J. B. SCALCO ©2 FOTO JOSÉ PINTO ©3 FOTO RICARDO BELIEL

HERÓI
Comemorando com Ataliba mais um gol pelo Corinthians no paulistão de 1983

DECISIVO
Acima, vibrando com seu gol contra a Espanha na estreia da Copa de 1986. Ao lado, com Casagrande e Biro-Biro, na conquista do Paulistão de 1982

©1 FOTO J. B. SCALCO ©2 FOTO PEDRO MARTINELLI

CIDADÃO
Com a mãe, Guiomar, em 1995, em campanha contra a violência nos estádios

PEIXE VIVO
O Doutor no vestiário antes de uma de suas 23 partidas pelo Peixe

APRESENTAÇÃO
Vicente Matheus (abraçado por Sócrates) venceu a concorrência com o São Paulo para contratar o craque de Ribeirão Preto

©4

OS DEMOCRATAS
Sócrates, acompanhado por Biro-Biro (deitado), Casagrande (ajoelhado), Paulinho e Zenon (de bigode) posam para a capa de PLACAR em 5 de novembro de 1982

©1 FOTO ED VIGGIANI ©2 FOTO NÉLSON COELHO ©3 FOTO MANOEL MOTTA ©4 FOTO J. B. SCALCO

O Doutor em destaque

ENTRE O FIM DOS ANOS 1970 E AO LONGO DA DÉCADA DE 1980, SÓCRATES ERA PRESENÇA CONSTANTE NAS CAPAS DE PLACAR - NA ALEGRIA E NA TRISTEZA, NA SAÚDE E NA DOENÇA. CONFIRA NESTA GALERIA

EDIÇÃO 435, 25 DE AGOSTO DE 1978

EDIÇÃO 447, 17 DE NOVEMBRO DE 1978

EDIÇÃO 448, 24 DE NOVEMBRO DE 1978

EDIÇÃO 462, 2 DE MARÇO DE 1978

EDIÇÃO 466, 30 DE MARÇO DE 1979

EDIÇÃO 469, 20 DE ABRIL DE 1979

EDIÇÃO 474, 25 DE MAIO DE 1979

EDIÇÃO 475, 1° DE JUNHO DE 1979

EDIÇÃO 476, 8 DE JUNHO DE 1979

EDIÇÃO 490, 14 DE SETEMBRO DE 1979

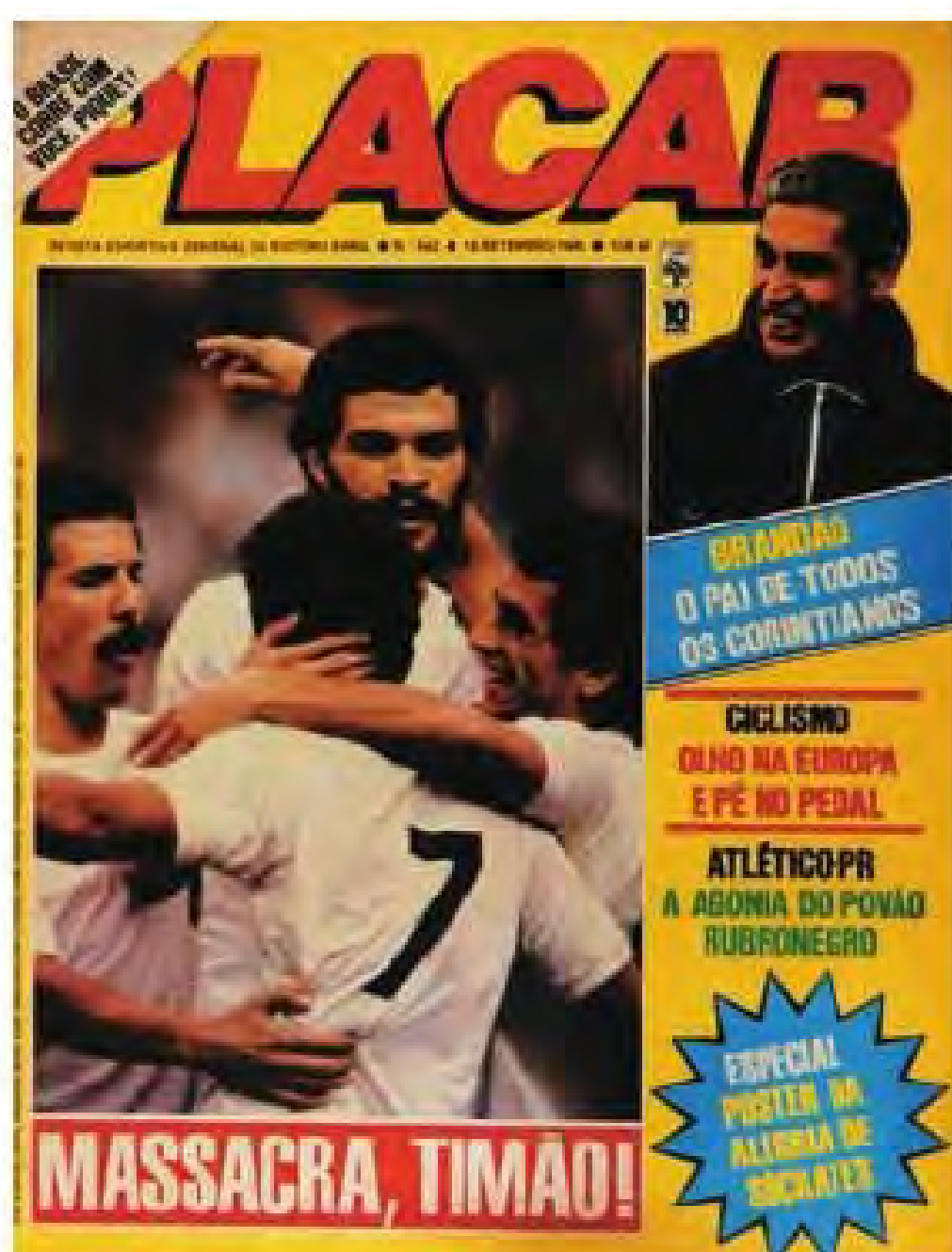
EDIÇÃO 495, 19 DE OUTUBRO DE 1979

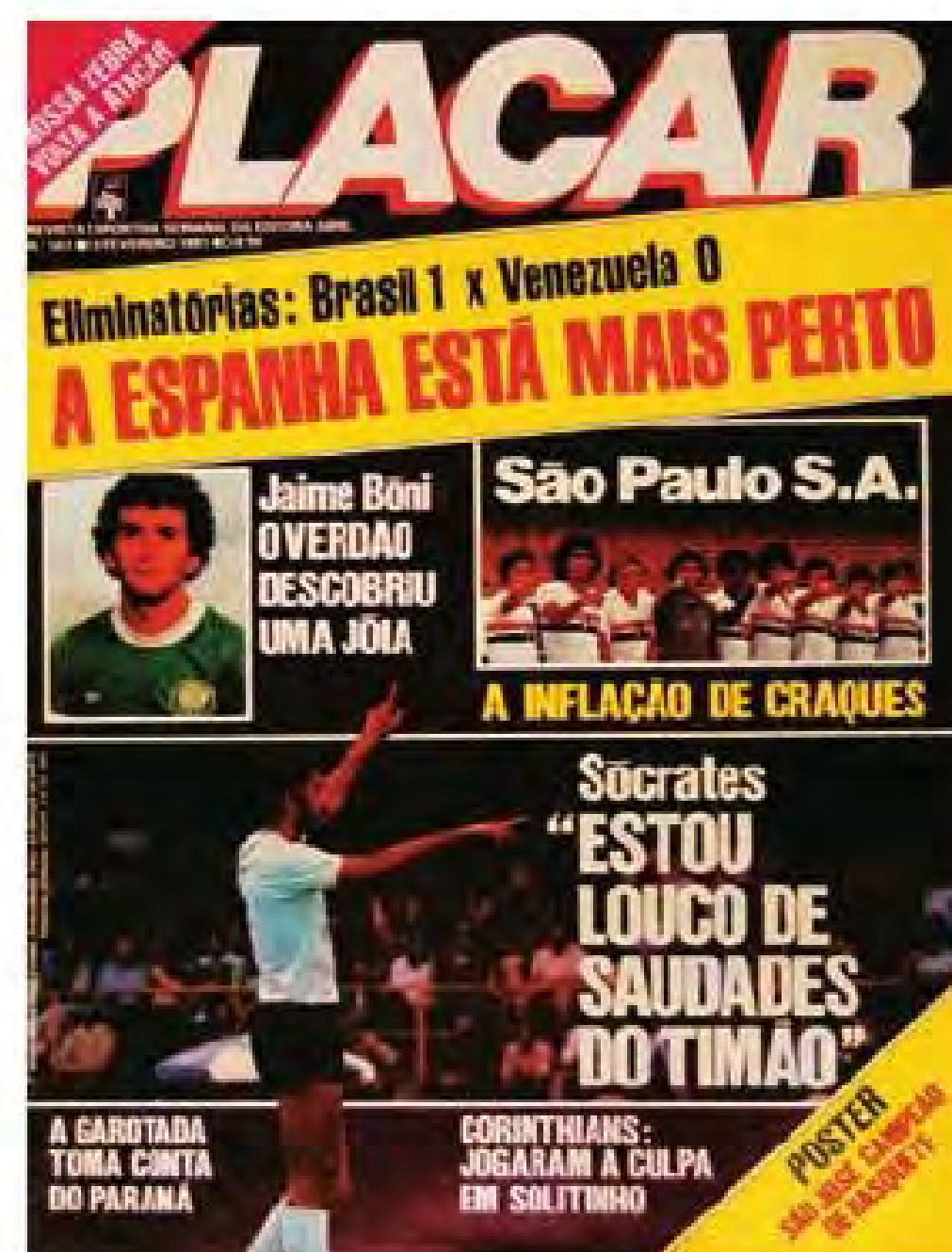
EDIÇÃO 517, 28 DE MARÇO DE 1980

EDIÇÃO 519, 11 DE ABRIL DE 1980

EDIÇÃO 530, 27 DE JUNHO DE 1980 (SP)

EDIÇÃO 530, 27 DE JUNHO DE 1980 (RJ)

CAPAS

EDIÇÃO 542, 19 DE SETEMBRO DE 1980

EDIÇÃO 555, 26 DE DEZEMBRO DE 1980

EDIÇÃO 561, 13 DE FEVEREIRO DE 1981

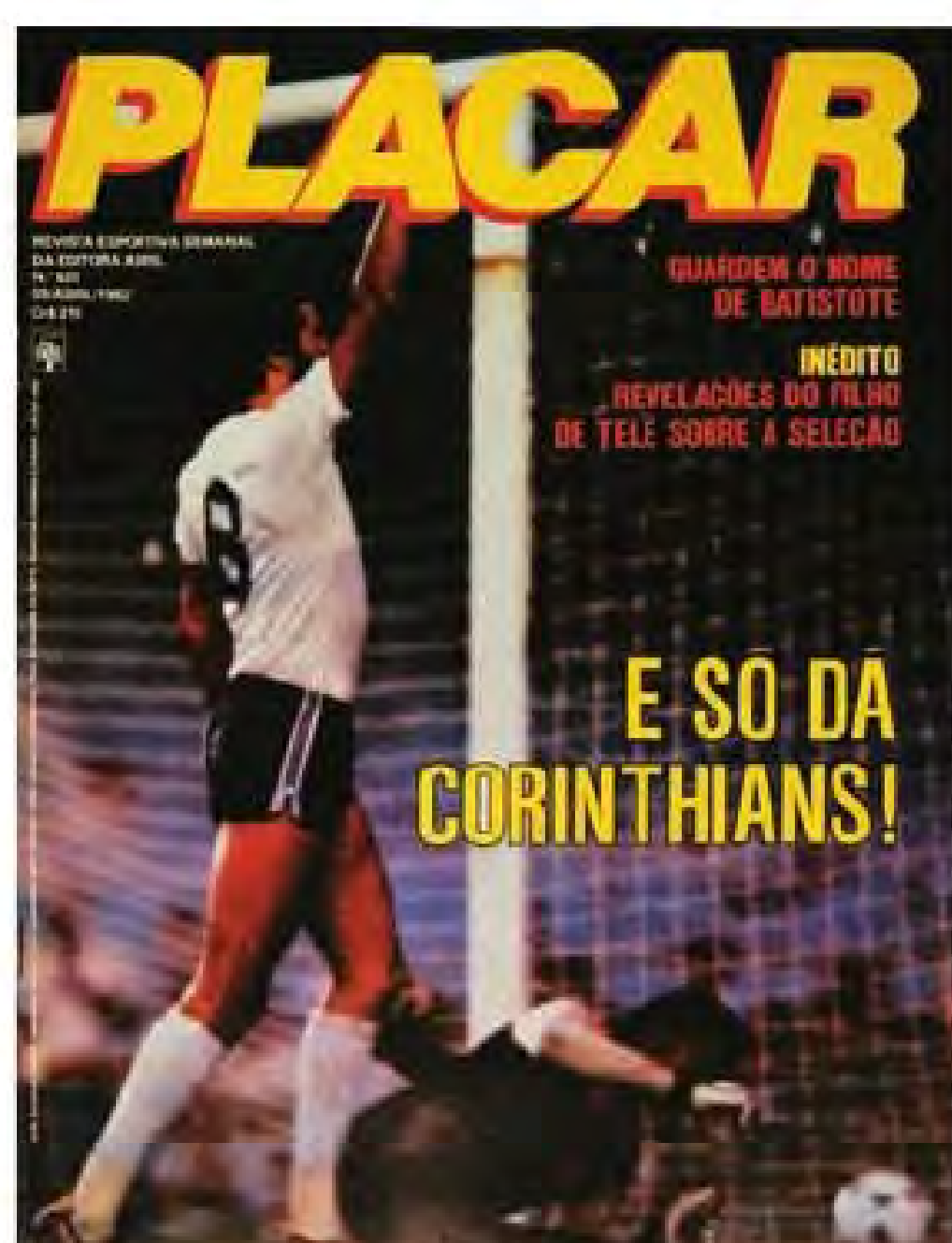
EDIÇÃO 563, 27 DE FEVEREIRO DE 1981

EDIÇÃO 576, 29 DE MAIO DE 1981

EDIÇÃO 577, 5 DE JUNHO DE 1981

EDIÇÃO 600, 13 DE NOVEMBRO DE 1981

EDIÇÃO 606, 31 DE DEZEMBRO DE 1981

EDIÇÃO 618, 26 DE MARÇO DE 1982

EDIÇÃO 620, 9 DE ABRIL DE 1982

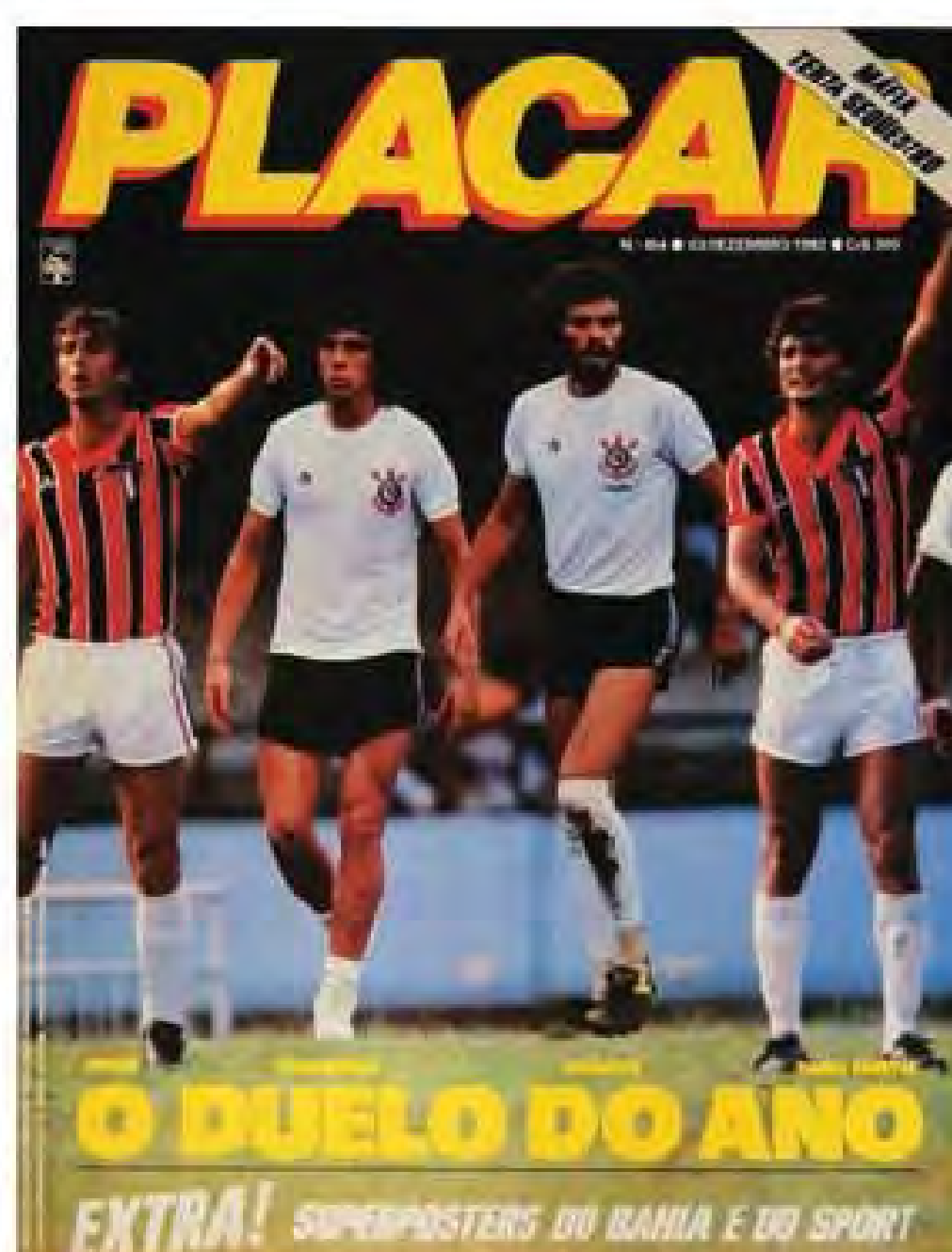
EDIÇÃO 626, 21 DE MAIO DE 1982

EDIÇÃO 628, 4 DE JUNHO DE 1982

EDIÇÃO 630, 18 DE JUNHO DE 1982

EDIÇÃO 635, 23 DE JULHO DE 1982

EDIÇÃO 647, 15 DE OUTUBRO DE 1982

EDIÇÃO 650, 5 DE NOVEMBRO DE 1982

EDIÇÃO 654, 3 DE DEZEMBRO DE 1982

EDIÇÃO 681, 10 DE JUNHO DE 1983

CAPAS

EDIÇÃO 683, 24 DE JUNHO DE 1983

EDIÇÃO 698, 7 DE OUTUBRO DE 1983

EDIÇÃO 708, 16 DE DEZEMBRO DE 1983

EDIÇÃO 718, 24 DE FEVEREIRO DE 1984

EDIÇÃO 725, 13 DE ABRIL DE 1984

EDIÇÃO 727, 27 DE ABRIL DE 1984

EDIÇÃO 781, 10 DE MAIO DE 1985

EDIÇÃO 784, 31 DE MAIO DE 1985

EDIÇÃO 788, 28 DE JUNHO DE 1985

EDIÇÃO 789, 5 DE JULHO DE 1985

EDIÇÃO 795, 16 DE AGOSTO DE 1985

EDIÇÃO 800, 20 DE SETEMBRO DE 1985

EDIÇÃO 823, 3 DE MARÇO DE 1986

EDIÇÃO 837, 9 DE JUNHO DE 1986

EDIÇÃO 959, 21 DE OUTUBRO DE 1988

EDIÇÃO 966, 9 DE DEZEMBRO DE 1988

EDIÇÃO 982, 7 DE ABRIL DE 1989

EDIÇÃO 1006, 22 DE SETEMBRO DE 1989

O Timão vale por dois

LOGO QUE CHEGOU AO CORINTHIANS, SÓCRATES ENCONTROU EM PALHINHA O PARCEIRO IDEAL DENTRO E FORA DO CAMPO. A DUPLA ENCANTOU A FIEL

POR SÉRGIO MARTINS

A tabelinha voltou em grande estilo ao futebol brasileiro através de Sócrates e Palhinha. Que o digam os zagueiros do Palmeiras e as 94872 pessoas presentes ao Morumbi na partida entre o Verdão e o Corinthians.

No final do jogo, a nação corintiana, em comoção, lembrava outras duplas – Pelé/Pagão, Pelé/Coutinho, Pelé-e-quem-mais-fosse – que a fizeram chorar lágrimas de desespero por mais de uma década.

Agora, tudo era alegria – a tabelinha habitava o Parque São Jorge. Mas como foi?

No início, era o verbo. Era Palhinha arranjando apartamento para Sócrates. Era a carona no carro e os papos sobre a cidade, a família, o clube, o time – o futebol abordado de uma maneira genérica. Era o entendimento humano, o início da amizade.

"É claro que a amizade é fundamental para o entendimento dentro de campo. Não só entre mim e Palhinha, mas entre todos os jogadores. É preciso que haja, ao menos, respeito", explica Sócrates.

A torcida corintiana já havia provado alguns momentos de magia de um futebol de instinto, reflexos rápidos e toques sutis proporcionado pela dupla. "Quando Sócrates chegou, foi obrigado a jogar fora de posição. Outros também estavam sendo sacrificados, porém o seu caso era o mais característico, pois jogava atrás, dando combate. Agora, com o time já definido, já vem jogando onde gosta, onde está acostumado", disse o treinador José Teixeira.

O Magrão concorda, embora não ache que esteja jogando como sempre jogou no Botafogo de Ribeirão Preto: "Lá eu jogava fazendo o terceiro homem de meio-de-campo. Aqui sou quase um centroavante. Acredito que dê para cumprir essa nova função. O problema é que ainda não peguei todos os macetes. Com o tempo, chegarei lá".

Time completo

A partir do jogo contra o Noroeste, no dia 26 de outubro, o Corinthians pôde colocar em campo seu time completo, com Taborda, Biro-Biro, Zé Maria, Vaguinho e Basílio. "O time era um bando, e não podia ser mesmo de outra maneira. A cada jogo, era um time. Então, não havia entrosamento. Para que eu e Palhinha possamos tabelar, é necessário o apoio dos outros jogadores, que o time tenha um padrão. Hoje o Corinthians tem um padrão de jogo", afirma Sócrates.

Mas o Doutor faz questão de deixar claro: o Timão é um todo e não só Sócrates e Palhinha. Sobre a comparação com Pelé e Coutinho, reage com um "não tem nada a ver". "Nem eu nem Palhinha estamos preocupados com tabelinhas, em jogar um em função do outro. A gente entra em campo para jogar com mais dez companheiros, não com um apenas. A tabelinha surge normalmente em determinados momentos das partidas porque talvez seja a melhor opção de jogada." Mas o Magrão deixa uma brecha: "Pelé e Coutinho jogaram anos juntos. Daqui a um ano pode ser que eu e Palhinha cheguemos perto. Até agora, só fizemos uns quatro jogos juntos".

O entrosamento deles dois e do time, em geral, vai chegando aos poucos. Continuam saindo juntos do treino, pois moram no mesmo prédio. Com as respectivas mulheres, vão jantar, pegar um cineminha. "A gente nunca conversa sobre futebol na base do 'vamos jogar assim ou assado', planejando jogadas", afirmam em uníssono.

"Dizem que Sócrates é lento, mas não acho que isso seja verdade. Pode não ser um velocista, mas é um cara de passadas largas, que chega sempre na hora. É como o Ademir da Guia, um falso lento", diz Palhinha.

Sócrates já vê o companheiro como "muito rápido e mais lépido". Assim, eles se completam. Ainda não totalmente. Porém, um dia – daqui a um ano –, um adivinhará o que o outro vai fazer. Aí...

O primeiro gol da dupla, contra a Ferroviária

© FOTO MANOEL MOTTA

EDIÇÃO 490 14/7/1979

Escravo da fama, Sócrates ameaça: "Vou largar tudo"

A PRESSÃO DE SER O NOVO ÍDOLO DO CORINTHIANS – E DO BRASIL – ASSUSTOU O JOVEM DOUTOR, ACOSTUMADO COM A VIDA PACATA DO INTERIOR

DEPOIMENTO A MAURÍCIO CARDOSO

Estou decidido: paro com o futebol e não espero nem a Copa do Mundo. Se tiver de fazer uma opção entre jogar futebol e viver minha vida com minha família, eu não tenho dúvidas: largo o futebol. Paro com o futebol. É uma hipótese sobre a qual tenho pensado muito ultimamente. Em menos de um ano, minha vida sofreu uma transformação radical, que tem me deixado muito confuso. O futebol está se convertendo num peso para mim. No Botafogo eu jogava pelo prazer e sentia prazer em jogar. O lado profissional era apenas uma consequência.

Hoje as coisas mudaram. O Corinthians é muito grande e exige um envolvimento muito grande. Agora eu sinto cada vez mais o lado profissional de jogar futebol, e isso me assusta. Entro em campo com a sensação de obrigação mais forte do que de prazer. Não é o problema de treinos, concentração, jogos seguidos. Para isso eu estava preparado. O problema é que há uma pressão tão grande, um compromisso tão forte, que fica difícil jogar pelo simples prazer.

Hoje tenho consciência de que sou um ídolo nacional. Não estava preparado para isso, talvez porque nunca pretendi ser um grande ídolo. Mas, mesmo que não queira, eu sou. E tudo aconteceu muito depressa, num ritmo que nem eu mesmo pude acompanhar. Hoje estou tentando me adaptar a esta nova situação. É um processo difícil, porque quero viver minha vida, dar a atenção que devo à minha família, quero fazer as coisas que gosto e que já não posso.

Não tenho mais direito à privacidade, não tenho liberdade para sair de casa, não posso ficar à vontade em nenhum lugar. Mesmo em minha casa o telefone toca o tempo todo com pessoas me fazendo solicitações de todo tipo. Eu não sei negar nada para ninguém, não sei dizer não. Então fica tudo muito complicado para levar a vida que eu gostaria de levar. Estou tentando me reorganizar para enfrentar essa nova situação. Está difícil, mas quero colocar cada coisa no seu devido e merecido lugar. Uma coisa é certa. Se tiver de escolher entre viver minha vida com minha família e jogar futebol, eu paro com o futebol.

Ele esteve prestes a trocar os gramados pelo convívio com a mulher e os três filhos pequenos

© FOTO JOSÉ PINTO

Tirando a crise de calcanhar

DEPOIS DE UMA TEMPORADA BRILHANTE NO TIMÃO E NA SELEÇÃO, SEU RENDIMENTO CAIU E ELE CHEGOU A SER VAIADO PELA FIEL. EM UM CLÁSSICO, REERGUEU-SE

POR CARLOS MARANHÃO

Depois do almoço, um cafezinho forte. E veio a vontade louca de fumar. Mas não havia cigarros nos bolsos, nas gavetas, no quarto inteiro. "Ô, Feijão, manda trazer um maço lá da portaria", pediu Sócrates ao fim de uma busca inútil, já se preparando para a partida de buraco da tarde.

Amaral, o Feijão, começou a embaralhar as cartas e piscou para os parceiros como se não tivesse ouvido. "E o maço?", insistiu o Doutor. "Vê se te manca, Magrão", respondeu Amaral, arriando a primeira trinca na mesa. Zé Maria e Geraldão deram um sorriso de cumplicidade.

Entretido com o jogo – considera invencível sua dupla com Amaral –, Sócrates até se esqueceu do cigarro que não vinha. E, na quarta-feira da semana passada, as horas foram se passando em silêncio na concentração do Corinthians, junto aos bosques do Hotel Rancho Silvestre, em Embu, pequeno município encostado em São Paulo.

Jogador algum gosta de ficar trancado lá dentro, longe da casa, da mulher e dos filhos. Mas não seria exagero dizer que Sócrates, embora não pudesse fumar, estava posto em sossego. Não havia torcedores para exigir um autógrafo, curiosos, críticos de plantão para questionar o futebol que vinha exibindo – e repórter só tinha um.

Pedidos, cobranças, convites e perguntas, muitas perguntas. Essas coisas integram o cotidiano de um grande ídolo, e nos bons momentos podem ter um sabor agradável. Nas fases ruins, porém, tornam-se insuportáveis. E era justamente o que ele vivia agora, num dos piores ciclos de sua carreira. Ficara oito jogos ausente da equipe e, ao voltar, não plenamente recuperado de uma contusão no tornozelo, passou outros oito sem marcar um gol sequer. Trata-se de uma grave estatística para um artilheiro. Nenhum gol ao longo de dois meses. Pior: andava jogando muito mal, errando passes, perdendo bolas bobas, sem falar que não conseguia nem mesmo utilizar corretamente seu calcanhar. E a torcida, que o considerava intocável, perdeu a paciência. Assim, na partida contra o Botafogo de Ribeirão Preto, chamou-o de "enfermeiro" e o vaiou. Será que Sócrates – com todo seu QI, sua boa formação pessoal, seu nível de doutor – estava preparado para suportar o ônus da celebridade? Muitos pensam que sim. Ele é o primeiro a admitir que não.

> Meu crédito com a torcida, depois de um ano muito bom, foi destruído com meia dúzia de atuações ruins. A torcida foi camarada em me chamar de enfermeiro

"Foi muito duro. De repente, percebi que não podia mais ir ao cinema, sair na rua ou levar as crianças ao parque de diversões. Descobri, então, que havia uma distância entre meus desejos e minha situação real. E o que fiz? Me acomodei. Não aceito, mas me acomodei."

Depois de implorar novamente pelo cigarro que não lhe trazem, revela: "Estou tomando minhas providências. Andar livremente por aí vai ser sempre difícil, mas pelo menos preservarei minha privacidade. Como todo mundo sabe onde moro, nos próximos dias me mudarei para um novo apartamento. Detalhe: sem telefone. Não aguento mais. O telefone toca o dia inteiro, outro dia ligaram até do Recife para uma conversa fiada. Ninguém tem sossego. E de agora em diante só entra lá em casa quem eu convidar".

Alongando as já longas pernas antes de se reencontrar com o bom futebol

Prefiro jogar mal a não jogar

"Sempre fiz isso. Eu quero é jogar. Não meço as consequências. Os resultados, como se viu, foram ruins." A torcida, pela primeira vez, não foi condescendente. Além de vaiá-lo, parte dela demonstrava alguma mágoa, talvez chocada com sua franqueza.

Nas entrevistas, ele nunca escondeu opiniões que a maioria dos jogadores prefere não externar. Sua honestidade em não se confessar corintiano desde criancinha (que fiel absolveu Rivelino do pecado mortal de se confessar palestrino na infância?) ou sua sinceridade ao garantir que o pênalti marcado sobre ele na verdade não aconteceu... "Pois é. Tenho que reconhecer que meu crédito com a torcida, depois de um ano muito bom, foi destruído com meia dúzia de atuações ruins." Reflete melhor sobre o que acabou de dizer e acrescenta: "Ruins, não; muito ruins. Pensando bem, a torcida foi camarada em me chamar de enfermeiro. Nesses últimos jogos, eu não passei de um auxiliar de enfermeiro, isso sim".

E o maço de cigarros? Não chegou até o ônibus partir para o Morumbi, onde Sócrates, em relação às suas partidas mais recentes, esteve quase irreconhecível. Acertou passes outra vez, deu bolas de calcanhar para Geraldão, ajudou a defesa, jogou como deve jogar – vindo de trás com o lance dominado, sem ficar parado de centroavante lá na frente – e, o que não ocorria desde o dia 12 de setembro, marcou um gol. Por sinal, um belo e importante gol: o da vitória contra o São Paulo.

"Ninguém foi buscar cigarro pra ele, não", revelaria depois Amaral, satisfeito por ganhar do São Paulo no futebol e da dupla Zé Maria/Geraldão no buraco. "O Magrão passou um tempo tossindo demais a noite inteira. Aí decidimos que ele dormiria comigo nas concentrações. E do meu lado o Doutor não fuma. Se aparece um maço escondido, eu queimo e jogo no lixo."

A abstinência imposta por Amaral aumentou o prazer da tragada que ele afinal pôde dar na festiva saída do estádio do Morumbi. À sua volta, se amontoavam, novamente, os caçadores de autógrafos e os repórteres dos "bons tempos".

© FOTO JOSÉ PINTO

Não vou salvar a pátria. Sou apenas corintiano

AO DEIXAR O PAÍS PARA JOGAR AS ELIMINATÓRIAS DA COPA DE 1982, O DOUTOR ERA BOMBARDEADO COM NOTÍCIAS RUINS DO TIMÃO. O REMÉDIO: SUA VOLTA

DEPOIMENTO A CARLOS MARANHÃO

Longe de casa, torna-se mais difícil analisar os problemas dos companheiros que ficaram. Não se sente a barra, só se sabe do que anda acontecendo, assim meio por cima. E a gente acaba correndo o risco de cometer erros de avaliação. Mesmo daqui, porém, um ponto parece de extrema clareza: o Corinthians precisa de mais diálogo. Quando renovei meu atual contrato, em setembro do ano passado, insisti com o presidente Vicente Matheus para que esse diálogo fosse posto em prática.

O Matheus aceitou minha proposta e a situação começou a evoluir gradualmente nos últimos meses de 1980. Mas parece que as coisas ainda estão longe do ideal, até porque não se muda um conceito de vida em tão pouco tempo. Em outras palavras, o que se necessita no futebol do Corinthians – e não só no Corinthians, nem unicamente no futebol – é estreitar a distância que separa o patrão do empregado. No nosso caso específico, o empregado, que é o jogador, tem seus deveres muito bem colocados. Tudo perfeito. Só que o relacionamento acaba exatamente aí. Você nunca deixa de ser exclusivamente um empregado. O ser humano não existe. As questões pessoais não são levadas em conta. Ora, diante de uma mentalidade dessas, o profissional vai fazer o quê? Vai fazer o essencial, vai bater o seu ponto e vai embora na hora marcada. Ele não tem estímulo para agir além do dever, para criar, para amar seu ambiente de trabalho.

Sinceramente, eu respeito e admiro as empresas com capacidade para levar seus funcionários a dizer em público: "Nós, da empresa tal..." Como eu gostaria que o time todo falasse "Nós, do Corinthians" ou "Nós, corintianos". E não "Eu, fulano" ou "Eu, beltrano".

O que eu queria – e sei que outros companheiros também querem – é que o Corinthians fosse a extensão da família de cada um de nós. E no entanto não é. Por isso, prometo aos corintianos que, ao voltar a São Paulo, continuarei lutando, com a força do prestígio que adquiri nesses anos de futebol, para mudar tal quadro. Penso que será minha contribuição essencial para enfrentar nossa crise passageira – depois, é lógico, de minhas atuações dentro de campo.

E o time? Não precisa de reforços? Responderei com minha franqueza habitual: sim, precisa. Mas qual é a equipe que não precisa? Se formos analisar a fundo, nem a Seleção Brasileira pode dispensá-los. Agora mesmo, por exemplo, em relação ao grupo que disputou o Mundialito, ela foi reforçada com os retornos de Zico e Reinaldo. Prefiro não me aprofundar na parte técnica do time, embora faça questão de afirmar: nosso time é bom. E tanto é bom que fomos campeões paulistas. Ou já se esqueceram que a equipe era praticamente a mesma, descontando-se a saída do meu querido amigo Palhinha?

O Solitinho é um ótimo goleiro, sim. Ele precisa ser mantido e mostrar personalidade forte para superar um problema momentâneo. O SuperZé está velho? Então não entendo como ele consegue correr mais do que eu. O resto da equipe vai nesse nível: Amaral, Djalma, Vlado, Caçapa, Basílio, Biro, Vaguinho, Geraldão... Pô, é um bom time! O seu Brandão? Olha, o velho Caçamba é um sujeito maravilhoso. Ele é uma das figuras humanas que mais me sensibilizaram na vida. Se ele já foi duas vezes campeão pelo Corinthians, por que não o será uma terceira?

Para concluir, gostaria de pedir um favor aos meus caros amigos corintianos: quando eu regressar, não me vejam como o salvador da pátria. Sou apenas um cara que tem consciência de que não é nem perna-de-pau nem um gênio capaz de agir sozinho. Não sou o Sócrates F.C. Quem irá recuperar o Corinthians será o Corinthians todo, o Corinthians unido, corrente pra frente, time-torcida, diretoria-jogadores, patrões-empregados, no clima de diálogo e entendimento com que todos sonhamos. Enfim, acho que má fase, ainda mais num campeonato em que o título não está sendo decidido agora, é um fenômeno passageiro, como as folhas secas do outono.

Na Colômbia, declarou: "Estou louco de vontade de vestir outra vez essa camisa"

Seleção em dia de Garrincha

NA ESTREIA DA COPA DA ESPANHA, FOI UM SUFOCO ATÉ O ESPÍRITO DE MANÉ – QUE ENTORTOU OS RUSSOS EM 1958 – BAIXAR EM ÉDER E SÓCRATES

POR CARLOS MARANHÃO E MARCELO REZENDE, DE SEVILHA

E os russos, Éder? Ah, os russos! Tanta coisa interessante para se conversar, e há dias só lhe perguntavam a mesma coisa. Por que não puxavam conversa sobre assuntos mais interessantes? Mulheres, por exemplo. Ou mesmo sobre o futebol com o qual ele estava acostumado a conviver. "Olha, não sei nada, não", ia se desculpando e saindo de fininho para o ônibus que o levaria de volta à concentração.

Na abafada, tensa e enlouquecida noite sevilhana de segunda-feira, Éder era um moço de 25 anos aparentemente escalado para o papel de coadjuvante num time de supercraques – Falcão, Zico, Júnior, Sócrates.

O Brasil estava em casa. Por todos os lados do estádio Sanchez Pizjuán se viam camisas amarelas e faixas familiares: "Flazico", "Batatais está com o Brasil", "Mamãe, olha eu na Globo". E bandeiras, imensas, inúmeras bandeiras do Flamengo, do Vasco da Gama, do Corinthians. Cantavam-se sambas do último carnaval carioca e o português tornava-se o idioma oficial. Lá em cima, quase solitária, tremulava uma faixa vermelha, com a foice e o martelo, carregada por militantes do Partido Comunista da Andaluzia.

Mas, de repente, o sonho do tetra vai virando um pesadelo horroroso.

Um chute besta de Bal, aos 33 minutos, e Waldir Peres, ao tentar apanhar a bola, acaba por colocá-la dentro do gol, numa falha que seria imperdoável se, depois, não se transformasse na causa de uma reação inesquecível – e que mostrou definitivamente a extensão do poderio da equipe.

Por instantes, enquanto a Seleção Brasileira se mostrava às vezes perdida, os soviéticos davam a impressão de que poderiam fazer ainda mais e transformar de uma vez por todas em tragédia o que se imaginava como o grande espetáculo da abertura do tetracampeonato – ou, num tom menos otimista, na estreia dos maiores favoritos da 12ª Copa do Mundo.

> Nos faltava somente o gol. Eu sabia que, se empatássemos, tudo iria mudar e finalmente teria início para nós a campanha da Copa do Mundo

No intervalo, o gênio de Garrincha se partiu ao meio: metade ficou com Luisinho, que conseguiu cometer dois pênaltis sem que a bondade do árbitro espanhol Lamo Castillo percebesse, com a maestria impecável do Dr. Sócrates, com a personalidade de Oscar e com o talento de Paulo Isidoro; metade ficou corporificada dentro de Éder. Ele sentiu que começava a receber seu espírito exatamente no momento do gol soviético. "Fiquei nervoso por um momento, mas foi crescendo a minha força. E pensei: 'Tenho que fazer alguma coisa, tenho que jogar por mim e pelo Waldir'." E jogou. Num certo momento, berrou para Serginho: "Sai da minha frente que vou começar a chutar". Dez, 20, 28 minutos. E a outra metade de Garrincha ia crescendo em Sócrates. "Nos faltava somente o gol", disse o Doutor. "Eu sabia que, se empatássemos, tudo iria mudar e finalmente teria início para nós a campanha da Copa do Mundo."

Vinte e nove. Sócrates pega a bola na esquerda, dribla o primeiro, cai para o meio, entre dois soviéticos, e atira a bola, fatal e indefensável, no ângulo direito de Dasaev.

Quarenta e três. O cruzamento de Paulo Isidoro, antes de encontrar o pé esquerdo mortífero de Éder, passou por Falcão que, com um movimento de toureiro, permitiu que a bola chegasse limpa para o Garrincha de 14 de junho de 1982. Dasaev teve a lucidez de notar que não havia nada a fazer.

Sócrates levaria a melhor diante de Dasaev

© FOTO PEDRO MARTINELLI

Diário de Sócrates

DURANTE A ESPETACULAR E TRÁGICA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA COPA DE 1982, A PEDIDO DE PLACAR, O DOUTOR REGISTROU O QUE VIA E O QUE SENTIA NOS BASTIDORES E NOS GRAMADOS DA ESPANHA

Após nove semanas de preparação, finalmente chegamos ao Mundial. Estamos em Sevilha, depois de longo período em Belo Horizonte, na Toca, e uma semana em Portugal. Dedicação, abnegação e entusiasmo nunca faltaram neste grupo. Atletas de excepcional competência reiteraram a cada dia um maravilhoso espírito de auxílio mútuo, de solidariedade – numa palavra, de companheirismo.

Parece incrível, mas não houve um único senão durante nossa trajetória, árdua mas gratificante. Talvez nossa maior preocupação seja a saudade da família, da casa da gente, das pessoas queridas. Para suportá-la, precisamos muito uns dos outros e isso não tem faltado, impedindo que a angústia arrefeça nosso entusiasmo para enfrentar a dura empreitada.

A lisura e honradez com que realizamos nosso trabalho já nos deu muitas alegrias. Sabemos que tudo, mas tudo mesmo, que poderia ter sido feito para atingirmos o máximo foi feito! E, se for insuficiente em relação a alguém, saberemos, com infinita tristeza, reconhecer tal superioridade nobremente. À vitória!

Segunda, dia 14/6/82

Hoje é o dia do primeiro jogo. Nossa tranquilidade e confiança são totais. Conseguiremos fazer uma boa exibição e vamos vencer. Levantei cedo, às 10h, para tomar o café da manhã. Acho que fui o primeiro a levantar porque o refeitório estava vazio. Até a hora do almoço, ao meio-dia, fiquei lendo no meu quarto – que dá para uma vista linda do campo, com plantações de girassóis e trigo, e para a simpática cidade de Carmona.

Fiquei lendo um ótimo livro, *O Sol Também se Levanta*, de Ernest Hemingway. Logo depois de almoçar, escrevi uma carta para minha Rê e para meus filhos. É que o Rodrigo escreveu uma em que mostrava demasiada preocupação comigo. Eram 16h quando nos reunimos para a preleção do Telê. Ficamos sabendo como ele queria que jogássemos e quem ficaria no banco. Isso durou uma hora, e vimos ainda um álbum sobre o futebol soviético. Deve ser um jogo duro. Vamos ver.

Assim que fiz o gol de empate, corri em direção à torcida. Vi, no meio da nossa gente, uma bandeira corintiana bem à minha frente! Foi ótimo!

Fizemos a última refeição e ficamos vendo Polônia x Itália, na tevê. O jogo foi bom, com cada equipe sendo dona de um tempo. Saímos do Parador Carmona às 19h e fomos para Sevilha com muita descontração e samba no ônibus. Ao chegar, sentimos a presença gostosa da torcida brasileira na porta do estádio. Todos de amarelo. Voa, canarinho, voa!

Antes do jogo, bagunçamos um pouco, entrando no campo para sentir o clima. Daí, voltamos aos vestiários para entrarmos perfilados com os soviéticos. Antes, os árbitros fizeram o exame de nossas chuteiras. Ninguém levava canivete na sola...

A partida foi duríssima, mesmo. Criamos muito, mas erramos demais nas conclusões. O importante é que não perdemos a cabeça quando eles saíram na frente. No intervalo, todos nos incentivamos e partimos certos de que íamos virar. Assim que fiz o gol de empate, corri em direção à torcida, para comemorar. Vi, no meio da nossa gente, uma bandeira corintiana bem à minha frente! Foi ótimo!

Sócrates entre Juninho (esquerda e Fagner (direita)

Depois do jogo, Telê, Éder e eu fomos requisitados para a entrevista coletiva. A coisa acabou rendendo pouco para os jornalistas porque o tumulto era enorme, tantos eram eles.

A volta para a concentração foi com samba total, muito embora o cansaço fosse grande. Jantamos uma *paella* muito saborosa, tomamos uma cervejinha, mas estávamos preocupados com as contusões do Zico e do Serginho. Antes de dormir, falei com a Rê, o que me deixou tranquilo. Sua gravidez está em fase final e eu não estou a seu lado. Meu pai também ligou e eu falei com todos lá de casa, sabendo então dos detalhes da tremenda festa que o povo fez pela vitória. Começamos bem.

Terça, dia 15/6/82

Levantamos cedo e fomos para a piscina. Pelo jeito, o calor hoje será enorme. Todos os que não jogaram fizeram um treino forte pela manhã.

Depois do almoço, fomos passear em Sevilha. Alguns aproveitaram para fazer compras e eu fui ao hotel em que está o Fagner e fiquei cantando e vendo ele tocar a tarde toda. Estavam lá também o Gil, que jogou comigo no Corinthians, o Pintinho e o Caju. Como tem brasileiro em Sevilha!

À noite, voltamos para a concentração e vimos Escócia x Nova Zelândia, nossos próximos adversários. Ao final do jogo, fizemos uma festinha para o Dirceu, pois era aniversário dele. Acho que valeu: ele havia passado a tarde com a família e à noite nós demonstramos nosso carinho por ele. Recebi telegramas de amigos de Ribeirão. Obrigado.

Quarta, dia 16/6/82

Acordei esta manhã preocupado com duas coisas: meu joelho está bastante dolorido, por causa de uma pancada que sofri na estreia, e o Careca está muito abatido. Ele anda triste, sequer pode nos acompanhar nos treinamentos. Fiz tratamento logo após o café e depois treinei um pouco, apesar das dores. À tarde, assistimos ao jogo entre França e Inglaterra e, no intervalo, tiramos mais uma daquelas fotos coletivas sob um sol de 40 graus. Não aguento mais tirar essas fotos, mas fazer o quê?

Acabado o jogo, fomos treinar. O

Careca foi conosco e se despediu de todos, voltando ao Brasil. Nosso percurso foi triste por isso. É muito chato ver um companheiro se despedindo da gente depois de dois meses juntos. Mas acho que ele resolveu certo. Numa hora dessas é muito difícil ficar longe da família e todos nós temos consciência de que, apesar de sua ausência, ele é um dos nossos. Quem sabe, futuro campeão.

Conhecemos o gramado do Bétis. O estádio é menor que o do Sevilha, mas é mais agradável. A grama, mais fofa, será melhor para nós. Muita coisa já acontece neste Mundial. Surpresas, alegrias e sofrimentos. Mas a notícia mais importante para mim está longe daqui: o fim da guerra das Malvinas. Não morrerão mais pessoas aos milhares, numa guerra sem nenhum sentido. Espero que a semana que vem registre também o fim da guerra no Líbano.

Quinta, dia 17/6/82

Assistimos ao jogo Kuwait x Tchecoslováquia e vibramos muito, não só com a exibição do Kuwait mas, principalmente, pela surpresa que as equipes "exóticas" estão proporcionando. Isto vem demonstrar, extrapolando um pouco, que países sem tradição em determinado campo têm condições de evoluir. Mas o mais importante para mim: há sete anos eu me via pai pela primeira vez e espero nunca mais ter que passar essa data longe do Rodrigo. Conversei com ele pelo telefone e percebi que está adquirindo personalidade, que está se aproximando de ser uma pessoa com anseios próprios. Isso me deixa feliz. Creio que eu e a Rê temos condições de fazer dele um homem com "H" maiúsculo.

Sexta, dia 18/6/82

Hoje é contra a Escócia. Vimos Itália x Peru e fomos à luta. Ganhamos bem e sequer concordo que tenhamos ido mal no primeiro tempo. Afinal, jogamos só 20 minutos em Uberlândia com essa formação e tínhamos mesmo que nos reconhecer, buscar o entrosamento. Quando ele veio, bye-bye Escócia. Fiquei mais de duas horas para fazer o xixi do antidoping. Tomei umas dez cervejinhas e champanha, "diuréticos comemorativos". Ao chegar à concentração, o Juninho me gozou: "Ih, tá mamado!" Tô curtindo muito nossa classificação. *A Barcelona nosotros vamos!*

Sócrates em ação contra a Escócia

Fiquei mais de duas horas para fazer o xixi do antidoping. Tomei umas dez cervejinhas e champanha, 'diuréticos comemorativos'

Sábado, dia 19/6/82

Com a vitória de ontem sobre a Escócia já estamos na segunda fase. Ufa, foram dois jogos dificílimos e serviram de amostra para o que ainda virá. Tivemos mais uma folga e aproveitei para dar uma espairecida na cidade. A maior parte do pessoal foi às compras e o Paulo Sérgio comprou um belíssimo guarda-chuva. Como aqui em Sevilha – que parece uma Teresina enrustida, tão quente que é – não chove há tempos, acho que ele vai usá-lo como guarda-sol, mesmo.

Passei o resto do dia no Hotel Lebreros, conversando com amigos, matando um pouco a saudade do país da gente. Houve até uma festa à noite mas, mesmo com toda a descontração, a gente não se desliga do Brasil, imaginando a tremenda festa que estarão fazendo. Meu último pensamento do dia vai para o Careca. Quero mandar um abração pra ele, em nome de todos nós, parabenizando-o também pela vitória de ontem.

Domingo, dia 20/6/82

Hoje é o aniversário do Belo, o Oscar. Esperamos fazer uma festinha pra ele, assim como fizemos para Dirceu há poucos dias. Isso é importante porque minimiza a ausência da família. Recebemos telegramas e telefonemas de vários locais do Brasil, em alguns casos querendo até escalar o time, mas fundamentalmente para dar os parabéns pela classificação.

Escrevi muito, hoje, para minha família e para alguns amigos. Sinto que todo mundo está meio na fossa, procurando apenas não demonstrar para não provocar depressão maior no companheiro. Talvez quem mais ajude nestes momentos seja o Juninho, um cara incrível, alegre, preocupado em ajudar, amigo até debaixo d'água. Obrigado, Juninho.

Segunda, dia 21/6/82

Hoje é segunda-feira, é bom frisar. Digo porque aqui dentro todos os dias são iguais. Ontem, por exemplo, era domingo e nem parecia. Fiquei emocionado ao receber um presente maravilhoso. Jorge Amado me man-

dou sua última obra, *O Menino Grapiúna*. Guardarei com muito carinho pois, sem dúvida, livro é o melhor presente que alguém pode receber. Fizemos mais um treino em Mairena, rotineiro. O pessoal está encarnando no Renato que é, também, um cara ótimo. Ele consegue vibrar até em treino recreativo. O "Piel Desinflado" está enfrentando, numa boa, toda sorte de brincadeiras. Pelé mandou lembranças para mim e outros companheiros como Zico, Oscar e Júnior. Obrigado pela lembrança, Rei!

Terça, dia 22/6/82

Poxa, até esse diário está ficando repetitivo. Também, é uma tremenda rotina, a nossa. De manhã, treino na piscina. À tarde, em Mairena. Depois, ou antes, assistir aos jogos na tevê. Os jogos e os fliperamas que temos são nossos únicos divertimentos. Pegamos o Isidoro para Cristo, hoje à noite. O "Saci" suportou bem e isso animou um pouco um dia sem maiores novidades.

Quarta, dia 23/6/82

Hoje vamos jogar contra a Nova Zelândia. Temos a preocupação de manter a mesma disposição para podermos realizar uma partida convincente e conseguir uma vitória. Após a preleção, conversando só entre nós, chamamos a atenção de todos para o jogo. Valeu a pena. Fizemos uma partida maravilhosa, onde a média de atuação de todos foi muito boa. O importante é que a equipe está evoluindo e isso nos deixa mais confiantes na nossa trajetória. Torcida, pode confiar na gente. A nota no vestiário após o jogo foi o Luizinho, reclamando por ter sido escalado pela segunda vez consecutiva para o exame antidoping. Ele já não tinha gostado na primeira, imagine agora. Só o Serginho nos preocupa, sentindo dores na coxa. Mas aparentemente há condições de se recuperar até o jogo de estreia na segunda fase, embora ele esteja um pouco abatido.

Sócrates, Falcão e Serginho em treino

Houve de tudo nessa viagem. Até uma guerra de espuma de barbear que deixou o Cerezo e o Isidoro como se estivessem sob neve

Depois do jogo fomos à Plaza de Espanha, onde o Fagner iria participar de um show. Zico, Júnior, Juninho, Batista, Edevaldo, Edinho e Éder foram comigo. Foi uma loucura até chegar ao recinto do show, pois havia muita gente querendo vê-lo. Como a produção foi péssima, o "Magro" teve que se virar sozinho, porque o cantador Carmen de La Isla, muito conhecido por aqui, simplesmente não apareceu. Procuramos dar a maior força para o Fagner e acho que foi legal. Voltamos ao Carmona após o show. Volto a lembrar do Careca. Um abração pra ele e pra todos os companheiros do Timão que estão, certamente, no maior astral com a gente aqui.

Quinta, dia 24/6/82

Saímos cedo, às 10h30 (não tão cedo assim, né?) e fomos para o centro de Sevilha. É que o Paulo Sérgio, Leandro e Júnior queriam comprar alguns presentes.

Ah, fui almoçar num restaurante lindíssimo, chamado Rio Grande, ao lado do rio Guadalquivir, um rio nada poluído que corta Sevilha e que a gente já ouviu falar nos livros de história. Ficamos até o fim do dia em Sevilha, de papo furado com os amigos.

Sexta, dia 25/6/82

Vamos para Barcelona, deixando para trás a *bella* Sevilha e seu povo, que foi tão carinhoso conosco. Da Andaluzia fomos à Catalunha onde, provavelmente, o tratamento será diferente. Mas isso pouco importa.

O difícil foi chegar ao nosso hotel. Está a aproximadamente 45 km de Barcelona e seu acesso se dá por caminhos tortuosos. Demoramos aproximadamente uma hora e meia para chegar nele. E houve de tudo nesta "viagem" de ônibus. Desde o tradicional samba da cozinha do Verdão (Verdão é o ônibus, fique bem claro...) até uma guerra de espuma de barbear que deixou o Cerezo e o Isidoro como se estivessem sob neve. Já imaginaram?

Treinamos no fim do dia e alguém pediu que eu definisse o esquema de jogo do Brasil. Acho que só tem uma, ou duas palavras, para exprimir a coisa: "Bagunça organizada". O pensamento da semana eu tirei de um grande amigo, o Paizão, o Tim, grande responsável, grande agitador da turma toda. Permitam-me...

"A Copa do Mundo é o despertar de um sonho para a realidade."

Boa sorte, companheiros. Confie na gente, povão.

©1 FOTO RODOLPHO MACHADO ©2 FOTO PEDRO MARTINELLI

Sábado, dia 26/6/82

Estamos num hotel incrustado numa região muito bonita, nas montanhas onde, aparentemente, o clima é bastante agradável. Pela beleza das casas, as pessoas devem vir passar fins de semana aqui. Nesse aspecto, Barcelona é privilegiada. Pode-se escolher entre o mar e a montanha sem ter que se afastar muito da cidade. Mudamos totalmente nosso ritmo diário, pois nossos jogos aqui se realizarão mais cedo. Em Carmona, a gente acordava tarde porque os treinos eram todos à noite, na hora dos jogos, e assim acabávamos sempre deitando já de madrugada, no mínimo à uma hora.

Aqui, a rotina muda: como o próximo jogo está distante, treinaremos em dois períodos. Seremos mais exigidos e temos que aproveitar bem esse tempo, compensando a falta de jogos com melhor condicionamento físico. Os treinos à tarde farão com que o jantar seja servido mais cedo. Estamos todos bem alojados. Se bem que, para mim, o simples fato de estar longe da minha gente faz com que qualquer hotel seja igual. O "Copacabana Palace" ou o "pulgueiro da Sofia" são a mesma coisa. Quero ir para casa.

Nosso único problema é que a mala do Carlão sumiu neste último deslocamento. Ele está chateado, é claro, mas tenho certeza de que ela vai aparecer. Meu companheiro de quarto é o Renato... o do pé murcho.

Domingo, dia 27/6/82

Mais um domingo, o antepenúltimo. Pela manhã fomos treinar em Sabadell, uma cidade a cerca de 30 km de onde estamos. Usamos um estádio da equipe local, que já foi da primeira divisão espanhola. Fizemos um coletivo sem o Falcão, Serginho e Zico, todos levemente machucados. Espero que logo estejamos treinando juntos. Tinha muita gente vendo o treino e de repente levamos um grande susto. O Leandro caiu contorcendo-se em dores e a coisa pareceu grave. Felizmente, logo soubemos que não era nada de mais e ele já está legal.

Sócrates, sempre de cabeça erguida

> É gozado. Toda minha vida eu quis jogar uma Copa. Estou nela, tenho consciência de que não estou indo mal mas, sem dúvida, estou frustrado

Fomos dar uma volta por Barcelona, uma cidade bem maior e mais fria do que Sevilha. Encontrei um colega médico que está fazendo, há um ano, especialização em oftalmologia. Ele é um amigo de infância e de cursinho. Foi muito gostoso rever alguém depois de tanto tempo e num país tão distante. Voltamos ao final do dia e uma boa notícia nos aguardava. Acharam a mala do Carlão. Ótimo!

Segunda, dia 28/6/82

Treinamos pela manhã e depois realizamos (?) uma partida de tênis. A dupla Falcão/Juninho não aguentou o "meu jogo" e o do Edinho. Ganhamos um set por 6/2 e perdíamos o segundo por 3/2 quando o doutor Neylor nos tirou da quadra, pois estávamos há muito tempo jogando e tínhamos coletivo à tarde. Quer dizer: ganhamos de 8 a 5. Mas, falando sério, isso porque o Edinho é que tem mais prática. Tênis é um esporte de muitos fundamentos, difícil de jogar no começo.

Assistimos ao jogo Polônia x Bélgica, cujo resultado (3 x 0) praticamente fará com que os poloneses sejam, acreditamos, nossos adversários na semifinal.

Terça, dia 29/6/82

Hoje tivemos o jogo Itália x Argentina. Fomos vê-lo no estádio. O Sarriá é pequeno, estava cheio, com a torcida animada. Notei muitos brasileiros e tenho fé que no nosso jogo ainda verei muitos mais. A Itália ganhou, confirmando um palpite que eu tinha antes da partida.

Parabéns ao Leo (Júnior), que hoje faz 28 anos. Sua família também merece cumprimentos pela pessoa que ele é. Tivemos mais um bolo, o quarto desta viagem.

Quarta, dia 30/6/82

Hoje a Copa está de folga. Não tem jogo, não tem nada. Estou meio deprimido. Nem é bom falar das saudades de casa. É gozado. Toda minha vida eu quis jogar uma Copa. Estou nela, tenho consciência de que não estou indo mal mas, sem dúvida, estou frustrado. A Copa não é o que eu imaginei. Não permite intercâmbio com o pessoal de outros países, fica cada um de seu lado. Imagino que seja melhor assisti-la do que dela participar. Por isso, não tenho dúvidas: outra Copa, nunca mais. Quem sabe eu possa acompanhar a próxima com a Rê e as crianças. Será bem mais divertido.

Quinta, dia 1º/7/82

Até que enfim iniciamos um novo mês. É o decisivo para o nosso trabalho, iniciado há 90 dias!

Hoje ficamos todos muito animados pois, antes de irmos para Barcelona, o presidente Giulite comunicou que cada um de nós ganhou uma tevê e um videocassete da Sharp. Não só pelo brinde, mas porque isso demonstra que tem gente enxergando e entendendo o esforço da turma para devolver aos torcedores a alegria de um caneco. Se não der agora, paciência. Obrigado pelo reconhecimento.

Fomos conhecer o gramado do Sarriá, onde jogaremos contra Argentina e Itália. Apesar do estádio ser acanhado, o gramado é tão bom quanto os de Sevilha e, para quem joga, isso é o que importa.

Isidoro, Cerezo e Serginho ficam planejando e fazendo travessuras, seja entre eles, seja envolvendo alguém mais, o tempo todo. Hoje, por exemplo, esmagaram um ovo na cabeça do Paulo Sérgio depois do jantar. Assistimos de camarote. Êta, ferro!

Sexta, dia 2/7/82

Acordei cedo, tomei café e dormi de novo. Que sono! Ao descer para o almoço, me pegaram de surpresa. O Tim, o Oscar e o Dirceu estavam discutindo o jogo de logo mais contra os argentinos e quiseram que eu entrasse na conversa. Caí fora. Já pensou discutir futebol logo ao acordar, depois de um mês só de bola?!

Nossa viagem para Barcelona foi novamente bastante alegre e descontraída. O jogo foi bom para nós. Foi uma boa vitória e por um placar que nos interessava. É de lamentar apenas a entrada desleal do Passarella no Zico e a do Maradona no Batista. Eles não souberam cair como campeões. Aquilo serviu para que fizéssemos uma certa guerra de nervos: o Zico vai jogar, mas os italianos só saberão disso quando entrarmos em campo. Respeito esse adversário.

Duelo de 10: Maradona versus Zico

Estou profundamente triste, sem forças para explicar nada. Queria *(que este diário)* terminasse com a seguinte frase: "Somos campeões!"

Eles marcam muito bem e saem para o contra-ataque com vontade.

Um casal amigo que chegou ontem de Ribeirão trouxe cartas de amigos e de meus pais. Fiquei muito feliz, apesar das duras do velho. Ele acha que não estou jogando tudo que posso. Quer que eu participe mais, chute mais a gol. Gozado: tem jornal espanhol me considerando o melhor da Copa, me chamando de *"cerebro del Brasil"*. Acho que estão cegos. O velho Raimundo, pela tevê, está vendo melhor. Amanhã começa o penúltimo fim de semana longe de casa. É capaz que a Rê me dê o quarto filho nesses dois dias. Estou contigo, mulher!

Sábado, dia 3/7/82

Hoje tivemos um dia alegre. Fagner passou o dia conosco no hotel. Até bateu bola com o time. Acho que o sonho da vida dele era ser jogador. Juro que ele canta melhor. À tarde treinamos e a concentração parecia uma festa. O que tinha de jornalista do mundo inteiro... Agora temos que falar português, *portunhol* e *portuliano*. Está todo mundo feliz com a boa vitória de ontem. Mas ainda falta muito. Será que a Mariana vai nascer hoje?

Domingo, dia 4/7/82

E não é que a Mariana ainda não nasceu? A França ganhou e vai para as semifinais. Bom para o futebol-arte.

Segunda, dia 5/7/82

Cheguei ao estádio confiante. Tinha na cabeça uma coisa óbvia: nosso time era o melhor do mundo. Pela manhã, em conversas na concentração, esta era a tônica. Enfrentaríamos um time retrancado, que jogava no contra-ataque, e que seria um jogo duro pelo que a Itália mostrou contra os argentinos. Sabia da determinação deles porque assim é o futebol. Saímos da Copa apesar de sermos o time que melhor jogou.

Estou profundamente triste, sem forças para explicar nada, para escrever. Saí do estádio direto para o ônibus. Vi o Fagner no corredor, dei um abraço nele, fiquei comovido e entrei no ônibus. Agora, nesta última página do meu diário da Copa, deixo apenas dois momentos que vivo: a frustração intensa, talvez a maior da minha vida, por não conquistar o título que eu, no íntimo, alimentava tanto. E também a frustração de não ter mais uma semana de trabalho neste diário, que eu queria que terminasse com a seguinte frase: "Obrigado, torcida. Somos campeões!"

© FOTOS PEDRO MARTINELLI

Se eu fosse governador...

NA CAMPANHA ELEITORAL DE 1982, ELE MOSTROU TODO SEU LADO CIDADÃO: A PEDIDO DE PLACAR, CRIOU UM PROGRAMA COMPLETO DE GOVERNO PARA O ESTADO

POR MARCO AURÉLIO BORBA

A política está em todas as cabeças brasileiras nestes pouco mais de 30 dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados. Pensando nisso, PLACAR propôs uma questão a quatro craques de São Paulo (Sócrates), Rio de Janeiro (Paulo Sérgio), Minas Gerais (Reinaldo) e Rio Grande do Sul (Cleo): o que você faria se fosse o governador do seu estado? O atacante Sócrates, ídolo do Corinthians e capitão da Seleção Brasileira, foi além do que se esperava. Mesmo diante da insistência deste repórter para que ele desenvolvesse apenas as linhas mestras e deixasse a complementação por conta de um papo mais aprofundado, o Magrão recusou-se. Quis ele próprio elaborar o seu programa de governo. E o fez, entre viagens, concentrações e algumas broncas amigáveis relacionadas ao atraso na entrega do trabalho. O resultado aí está, digno de um verdadeiro candidato ao Palácio dos Bandeirantes.

A plataforma do Doutor

O ideal público sempre foi um planejamento executivo direcionado para o bem-estar de toda a população, não apenas para parte dela. Assim, tentarei colocar as minhas posições sem vinculá-las às dos partidos que disputam as próximas eleições.

Sei que, no atual momento do país, seria utópico pretender modificações radicais, mas deixo claro que – observadas as condições brasileiras e paulistas – estas seriam as minhas proposições se eu fosse realmente candidato a governador.

Os brasileiros buscam, basicamente, trabalho, educação, habitação, saúde e alimentação. Tudo o mais decorre daí.

> O maior problema do Ensino Médio é que todos os alunos são orientados para chegar à universidade, o que é errado.

***Trabalho** – É preciso gerar empregos com estímulo dos órgãos financeiros do Estado e com a boa utilização da receita pública, sempre com estudos prévios das necessidades das diversas regiões do estado. Se houver necessidade de migração de mão-de-obra, deve ser orientada pelo governo. O governo deve estar preparado para, ciclicamente, mostrar à população as necessidades de emprego em cada região e encontrar soluções para minimizar o desemprego em caso de recessão econômica mais acentuada. É fundamental, também, dar ao trabalhador condições de segurança, bem-estar e transporte. Para isso, o trabalhador deve participar ativamente das decisões que o afetam, e o governo não deve, em nenhuma hipótese, se intrometer nas entidades sindicais.*

***Habitação e solo urbano** – O governo deve incentivar a criação de comunidades – com créditos e orientação – para a construção de casa própria. Deve utilizar todos os seus terrenos ociosos para acelerar essas construções; deve regulamentar todos os loteamentos clandestinos e favelas que já tenham moradores; deve evitar, dando outras opções de moradia, o surgimento de novas favelas e loteamentos clandestinos, além de criar infraestrutura básica para todas essas comunidades, através de luz elétrica, calçamento, rede de esgotos e água encanada. Os projetos devem ser regionalizados, e todos devem ter moradia digna, mesmo não sendo proprietários.*

Com pose de político, Sócrates posou diante do Palácio dos Bandeirantes

Saúde *– Para melhorar o sistema de assistência médica, o primeiro passo é valorizar a profissão, com melhor remuneração e melhores condições de trabalho. Depois, incentivar e financiar a medicina preventiva e a pesquisa. No caso da medicina curativa, deve ser reestruturado o sistema dos centros de saúde, aumentando sua autonomia e direcionamento, para que possa cobrir faixas mais amplas da população. Bem aparelhado, um ambulatório pode atender 90% dos casos, evitando o excesso de procura de hospitais, o que acarreta o mau atendimento. É importante aumentar a qualidade do ensino médico, não apenas na USP (Universidade de São Paulo) como nas escolas do interior. Boa parte do povo é atendida em hospitais-escolas, e estes devem estar melhor equipados, já que a população que os procura é uma amostra da qualidade de saúde em cada região do estado. É preciso incentivar o acesso a cursos paramédicos, que são de grande valia num programa global de saúde. Valorizando estes profissionais, melhoraremos sua capacidade de trabalho e cooptaremos muita gente para estas atividades técnicas essenciais.*

Educação *– Primeiro, é preciso valorizar o magistério, com remuneração digna, que elimine a necessidade de acumular empregos e que melhore a qualidade do ensino. O governo tem o dever de proporcionar a toda a população em idade escolar o acesso à instrução. Só faremos um grande país se tivermos um povo culto. Mesmo que tenhamos que subsidiar o ensino, total ou parcialmente. A desnutrição e a subnutrição são incompatíveis com a educação. Tudo deve ser feito para eliminá-las. O maior problema do Ensino Médio é que todos os alunos são orientados para chegar à universidade, o que não só é errado como torna o acesso a esta mais difícil. O governo deve estimular e valorizar o ensino profissionalizante, tornando-o uma opção profissional de nível idêntico ao superior. Isso diminuirá o número de escolas universitárias de baixa qualidade.*

Alimentação *– Num país essencialmente agrícola, o campo deve merecer amplos recursos, e o Estado deve zelar para que o produtor receba preços justos pelo seu produto, além de impedir que este chegue ao consumidor inflacionado pela presença de intermediários. Cabe ao governo regulamentar e racionalizar o transporte dos produtos agrícolas, reduzindo os preços atuais e dando condições de aquisição a toda a população. Para evitar a monocultura, deve dar igualdade de tratamento, em relação aos preços do mercado, a todos os produtos. Além disso, deve utilizar suas terras ociosas para o aproveitamento por pessoas que queiram trabalhar no campo. Enfim, todos esses planos podem e devem ser colocados em prática, pois são anseios de um povo que busca o seu bem-estar. Mas só conseguiremos isso quando todos tiverem ampla e total liberdade para se expressar, para se informar, para participar, para escolher e, sobretudo, para protestar. Isso é viver com dignidade.*

© FOTO JB SCALCO

A Democracia se consolida

DURANTE UM DIA INTEIRO, SÓCRATES, WLADIMIR E ADÍLSON MONTEIRO ALVES DISCUTIRAM, EM PLACAR, COMO COMBINAR A ABERTURA (PIONEIRA EM UM TIME DE FUTEBOL NO PAÍS) COM AS VITÓRIAS EM CAMPO

Na manhã da Sexta-Feira da Paixão, PLACAR reuniu três dos principais responsáveis pela Democracia Corintiana para com eles debater os acontecimentos que se precipitaram após a saída do técnico Mário Travaglini no início da semana passada. A reunião atravessou o feriado todo e não teve nenhuma pergunta sem resposta.

Sócrates, Wladimir e o vice-presidente Adílson Monteiro Alves demonstraram absoluta segurança em suas opiniões e fizeram questão de esclarecer alguns dos pontos mais nebulosos que vêm agitando a vida do clube. Conscientes de que o objetivo de um time só pode ser o futebol e a consequente conquista de vitórias e títulos, os três foram unânimes em afirmar que estão apenas tentando dar mais um passo na direção do título mundial interclubes, alvo sonhado desde que se implantou a chamada abertura do Parque São Jorge.

Integrantes do que certa parte da imprensa batizou de "democracia dos quatro" – o quarto membro tem variado nesta mesma imprensa entre Zé Maria, escolhido como novo (e definitivo) técnico, Gomes, Daniel González, Casagrande e Leão –, Sócrates, Wladimir e Adílson não fugiram de indagações sobre, por exemplo, o romance de Casagrande com uma jovem em plena concentração, consumo de cerveja no departamento técnico, excesso de liberdade e sobre seus conceitos de democracia, que seria, segundo eles, "no mínimo a democracia dos oito", ironizando os que falam e escrevem a respeito de uma "panelinha".

Na noite anterior à reunião com PLACAR, o Corinthians havia empatado (0 x 0) com o Vasco no Maracanã e assegurado sua participação entre finalistas da Taça de Ouro. Dois dias depois, no Parque Antártica, em ótima exibição, a equipe venceu o Campo Grande por 3 x 1, o que valeu do craque Zenon, um dos que estariam marginalizados pela Democracia e descontentes com ela, o seguinte comentário: "Quero ver agora o que poderão dizer sobre a nossa democracia".

O momento é fundamental para se modificar algumas estruturas do futebol, para que no futuro meus companheiros tenham condições melhores

P | Por que você, Sócrates, o maior salário do futebol brasileiro, resolveu comprar essa briga pela Democracia Corintiana, fazendo até ameaças de parar de jogar se as coisas não dessem certo nas recentes eleições?

R | Sócrates – Bom, nunca me fixei muito no aspecto materialista. Acima disso está alguma ideologia, ou seja, querer fazer algo em prol de um grupo muito maior de pessoas. Acho que o momento é fundamental para se tentar modificar algumas das estruturas do futebol, para que no futuro meus companheiros tenham condições muito melhores do que têm hoje.

P | O que mudou no Corinthians, Adílson, desde que você assumiu o posto de diretor de futebol em fins de 1981?

R | Adílson – Em termos de trabalho, nada mudou; em termos de ideias, sim, a fase é outra. No início, havia apenas a constatação de que, do jeito que estava, não se ia chegar a nada. A proposta teve eco dentro do grupo e, a partir de então, começou-se a elaborar um projeto, com a participação de todas as pessoas envolvidas, principalmente das que nunca tinham sido ouvidas. Esse projeto evoluiu e acabou

Ele liderou a abertura no Corinthians, um exemplo para a abertura política no país

vitorioso, e sua implantação se deu com a conquista do Campeonato Paulista. Portanto, elaborar o projeto foi a primeira fase. A segunda fase trataria de consolidá-lo, fixá-lo como definitivo. Isso seria possível através de um processo permanente de discussão, de autocrítica. Nós tivemos a felicidade de, entre a primeira e a segunda fase, viver as eleições – e em três níveis. Primeiro: toda a sociedade brasileira, que aprovou e entendeu as modificações que a nação vive. Segundo: a sociedade corintiana, cujos sócios votaram por maioria esmagadora a nosso favor, dando a sustentação democrática para que o nosso projeto continuasse. Terceiro: o próprio grupo, que, depois de ter chegado ao título de 1982, entendeu que o projeto devia continuar.

P| Como funcionam as reuniões lá dentro, Wladimir? Massagista pode falar?

R| Wladimir – Participam todos: jogadores, roupeiro, massagista, médicos, todos os que integram a corporação. O importante é que todos têm voz igual. Por exemplo, eu perdi a questão da forma de distribuição do bicho. Eu entendia que só os jogadores concentrados, presentes ao trabalho, deveriam ter direito. O Sócrates via de forma diferente: deveriam receber bicho integral todos os 18 jogadores que fossem convocados para a partida; aqueles que ficassem de fora receberiam uma parcela. Na votação, perdi. Não se falou mais nisso. Tudo bem. O importante é isso: no Corinthians, cada um tem voz, a maioria é que decide.

P| Por que essa imagem cristalizada na imprensa de "democracia dos quatro"?

R| Sócrates – Quem são os quatro?

P| Vocês três mais o Zé Maria. Às vezes, entra o Casagrande...

R| Adílson - ... o Daniel...

P| ... às vezes, o Eduardo, o Gomes...

R| Adílson – Então esses quatro já são dez, né?

P| Para Sócrates e Wladimir: que tipo de consciência vocês têm em relação ao fato de que, para o projeto dar certo, existe a necessidade primeira de o time ir bem lá no campo?

R| Sócrates - É consequência.

R| Wladimir – Tive momentos em que o time era totalmente desagre-

© FOTO NICO ESTEVES

Sócrates e o vice presidente Adílson Monteiro Alves

gado fora de campo e, dentro, se juntava de forma impressionante. Em 1977, havia grupos isolados, só que dentro do campo era uma coisa só.

P| Como se explica?

R| Sócrates – As pessoas, individualmente, tinham o mesmo objetivo. Nosso caso, hoje, é outro. Queremos, coletivamente, buscar o mesmo objetivo.

P| E qual era o objetivo individual em 1977?

R| Sócrates – Objetivo individual de sucesso...

R| Wladimir – Naquele tempo, o jogador que chegava no Corinthians se desdobrava porque sonhava em conquistar um título impossível.

R| Sócrates – Sem excluir a dependência do coletivo, do trabalho em grupo. Porque se você ficar cego em relação aos demais companheiros, deixa de existir a possibilidade do sucesso.

R| Wladimir – Veja que gozado. Fomos campeões, mas, depois do jogo, ninguém mais viu ninguém. Cada um foi para sua casa.

P| A Democracia Corintiana não estará vulnerável demais por depender de resultados dentro do campo?

R| Sócrates – A gente discutiu isso antes das finais do campeonato: perdendo ou ganhando, não interessa. O fundamental: a ideia tinha de ficar.

> Em primeiro lugar, discordo frontalmente da prevenção contra esse líquido *(cerveja)*. É minha bebida de eleição.

P| Na decisão do Paulistão os jogadores entraram em campo conscientes de que levavam a mensagem de um grupo? Isso os fez suarem mais, matarem-se mais em campo?

R| Sócrates – Claro!

R| Wladimir – Sem dúvida!

R| Adílson – O pessoal descobriu que é melhor vencer juntos. Jamais vi um título que não tivesse dono. Pois o de 1982 não teve. Não foi o Magrão, não foi o Mário Travaglini, não foi o Casa. Já em 1977 foi o Brandão, em 1979 foi o Matheus. Em 1982, foi o grupo. E o grupo lhe permite falhar, errar. O Sócrates coloca isso muito bem. Dá-lhe vontade de entrar lá e massacrar. Você não está só no campo. O companheiro está com você.

P| Como se incorpora no projeto um jogador como Leão, que tem ou tinha a imagem do individualista?

R| Adílson – Acho até que tem. O Leão é um camarada que sempre se projetou, como o Sócrates, a partir da vida pessoal. Sua convivência dentro do grupo mostrará que é tão bom triunfar em grupo como individualmente.

P| Sócrates, o Leão tem o que lhe ensinar?

R| Sócrates – Claro. Ele é o próprio pé no chão.

P| Como?

R| Sócrates – A relação que tenho com meu pai. Estou sempre voando, criando, às vezes de forma inconsequente. Eu decolo e largo tudo para trás. Mas tem de haver uma base real. Nesse ponto, a presença do Leão é importante, não apenas para mim, mas para todos.

P| Tema "concentração". O que vocês podem dizer hoje, quando não existe mais concentração?

R| Sócrates – É superado. Não se discute mais. Agora, cada um sabe o que é melhor para si, e é preciso jogar para as pessoas o quanto elas são importantes para o sucesso do grupo.

R| Wladimir – Elas têm de assumir sua responsabilidade. Eu, por exemplo, depois de tantos anos de concentração, não consigo mudar.

R| Sócrates – A mulher dele está desesperada, diz toda hora "volta para a concentração"... *(risos)*.

R| Wladimir – ..."urgentemente" *(mais risos)*.

R| Sócrates – E tem cara que sempre viveu nisso e está tendo muita dificuldade em se adaptar à vida sem concentração. O Leão tem uma filhinha nova que acorda às 4 da manhã. Ele voltou para concentrar. O Biro tem uma filha pequena. A mesma coisa.

P| O Casagrande até teve relações com uma mulher na concentração...

R| Adílson – Não foi bem assim. A coisa surgiu numa entrevista – bem editada, por sinal – à revista *Penthouse*. O Casa falou que, um dia, ele fez amor com uma moça antes de um jogo. Um jornalista fez um escândalo e inventou até a data, o local e o jogo. Só faltou dar o nome da moça.

P| E a história de tomar cerveja na sala do *(preparador físico Hélio)* Maffia?

R| Sócrates – Posso dizer realmente o que houve? Após nosso trabalho, eu disse ao Casa: "Vamos tomar uma cervejinha, que estamos desidratados". Isso fazemos lá no clube sempre. Naquele dia, havia uns 20 jornalistas pedindo entrevistas. Fomos para a sala do Maffia, alguém foi buscar uma cerveja, todos tomamos, inclusive os jornalistas. Depois, isso foi utilizado. Em primeiro lugar, discordo frontalmente da prevenção contra esse líquido. É minha bebida de eleição. A primeira vez que disse isso, provoquei um choque, porque as pessoas são totalmente conservadoras nisso. Fosse guaraná, para mim seria igual. O objetivo é refrigerar, reidratar. Mas o que foi tendencioso, na história, é que eu nem fui citado, só o Casão. Tradução: querem destruir o Casagrande. Mas isso não vai acontecer.

R| Adílson – É problema de conflito de gerações. Ele tem 19 anos, e reage assim. Alegre, brincalhão. E faz um monte de besteiras. Para os mais velhos, ele só faz besteiras. No conceito dele, os outros é que fazem mais besteiras. Essa é a polarização.

P| Não há risco de a Democracia decidir que não há mais necessidade de ginástica?

R| Adílson – Aí deixa de ser democracia, passa a ser um grupo de incompetentes e irresponsáveis. A responsabilidade é um fundamento da democracia.

P| A experiência corintiana será disseminada?

Todo mundo sabe que jogador tem uma tremenda ascendência política. Só que ele mesmo, jogador, não sabe.

R| Sócrates – O Serginho, na final do Paulistão, me falou, após o gol do Ataliba: "Vocês merecem ganhar..."

R| Wladimir – "... com o movimento maravilhoso que vocês estão fazendo, vocês têm de ganhar todos os títulos", ele disse.

P| A ideia será levada à Seleção?

R| Sócrates – Acho que tive uma grande participação nessa última Seleção. O Telê era um cara hiperautoritário. Mas aprendeu a confiar nesse tipo de relação e abriu. O negócio é demonstrar que isso é o certo.

P| Outros clubes treinam mais que o Corinthians?

R| Adílson – A Portuguesa treina 8 horas. E daí?

R| Sócrates – A diferença é que nossa forma de trabalhar é diferente. Isso machuca muita gente.

R| Wladimir – A gente segue o Maffia, um preparador físico competente.

R| Sócrates – Qualquer jogador de outro clube faz muito mais besteiras que nós, porque nós temos muito mais responsabilidades.

P| Você, Sócrates, é hoje um profissional feliz?

R| Sócrates – É. Com vontade, você produz mais. É diferente do cara que vai ao trabalho e bate o ponto. É muito fácil você ter um ditador. É fácil você ser oprimido: existem regras e você vai cumpri-las o tempo todo, não vai criar nada. O fácil, para a gente, seria: ir ao clube, ganhar muito dinheiro, continuar enganando...

P| Daí você conclui que o negócio é agitar?

R| Sócrates – Quero colocar minhas ideias e quero que elas sejam ouvidas. Sempre briguei por isso. No Corinthians, sempre houve estruturas autoritárias. Aí, eu desanimava: ninguém me escutava e decidi que não iria mais fazer coisa nenhuma. Ia jogar minha bolinha e só. O pessoal reclamava que eu fazia gol e não comemorava. Ora, não tinha a mínima vontade. Ficava satisfeito de estar jogando bem, mas não ficava satisfeito com o ambiente. É isso que todo mundo quer. Que todo jogador seja um alienado. Jogador tem de jogar, estudante tem de estudar. Não pode pensar nem participar, coisa nenhuma, não pode ir para um bar tomar cerveja com os amigos, não pode assistir a um show, um cinema, muito menos ter opinião política. Porque todo mundo sabe que jogador tem uma tremenda ascendência política. Só que ele mesmo, jogador, não sabe. E podaram sempre na raiz. Se você reagir contra, perde o emprego e, se os cartolas quiserem, você não joga mais em lugar nenhum. Isso acontece ainda hoje!

© FOTO NICO ESTEVES

EDIÇÃO 727 27/4/1984

O Dia do Fico do rei corintiano

DIANTE DE 2 MILHÕES DE PESSOAS NO HISTÓRICO COMÍCIO DO ANHANGABAÚ, ELE CONDICIONOU SUA PERMANÊNCIA NO PAÍS À APROVAÇÃO DAS DIRETAS

POR JUCA KFOURI

A data de 9 de janeiro de 1822 celebrizou o Dia do Fico de dom Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, o primeiro imperador brasileiro. Dia 18 de junho de 1983 marcou para Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira o seu primeiro Dia do Fico, ao recusar a proposta do Roma, que queria levá-lo para a Itália (PLACAR nº 683). Agora, provavelmente na próxima segunda-feira, dia 30, ele poderá ter sua permanência definitiva no país assegurada.

Para tanto, bastará que a emenda Dante de Oliveira seja aprovada na Câmara dos Deputados dia 25 e ratificada no Senado em seguida. Pelo menos foi isso que o rei dos corintianos prometeu no último dia 16, diante de quase 2 milhões de pessoas, na histórica passeata/comício do Vale do Anhangabaú, em São Paulo.

Já na praça da Sé — onde a manifestação teve início, cerca de 100 mil pessoas ouviam Sócrates responder ao brilhante apresentador Osmar Santos que ficaria no Brasil caso a emenda fosse aprovada. Antes tinha ouvido a multidão reagir em retumbante "não" à pergunta sobre se deveria ir para a Itália. A promessa feita na Sé, então, foi reiterada no Anhangabaú e a multidão delirou, fazendo o frio Doutor chegar às lágrimas. Ainda sob o impacto da forte emoção e horas antes de enfrentar o Grêmio, no Morumbi, Sócrates recebeu Juca Kfouri, de PLACAR, no Hotel Hilton, para a seguinte entrevista:

P| Para quem jogou a Copa da Espanha, vista quase pelo mundo inteiro, dá para comparar a emoção de um gol como o contra a Itália, por exemplo, ao delírio da multidão quando você anunciou que ficaria no país caso a Dante de Oliveira seja aprovada?

R| A grande diferença é que na Copa eu era o artista. No comício eu era um dos participantes, o que dá muito mais responsabilidade. Estávamos todos lutando pelo mesmo ideal.

P| Na Sé, num dia em que todos diziam "sim", diziam "já", uma massa enorme de gente disse "não" quando lhe perguntaram se você deveria ir para a Itália. Como foi para você?

R| Foi a manifestação da minha vontade, do que eu penso. Eu, ali, era mais um, com a vantagem de poder falar, de usar o que significo como canal de expressão. Mas o importante é que todos estávamos de acordo.

P| Você recebeu a coisa com sua costumeira frieza?

R| De jeito nenhum. Eu sou frio só no meu trabalho. Fiquei foi muito emocionado.

P| Existe alguma relação entre as eleições diretas e as necessárias reformas no futebol brasileiro?

R| É um caminho. É claro que tudo o que acontece de bom no país acaba tendo influência nas outras áreas. Se as diretas vierem, o país muda e com este país mudado eu fico aqui.

P| Por que no comício só tinha jogador do Corinthians? O Juninho, o Ataliba, o Casagrande, o Wladimir e o Alfinete, que jogou lá?

R| Porque este é um processo lento. À medida em que o próprio povo vai ficando mais consciente de seus direitos, o jogador de futebol também vai ser influenciado por isso e vai acompanhar o processo. Hoje, por ser o futebol estruturado em termos muito reacionários, ele tem medo de participar, de se posicionar. Talvez sejamos a categoria mais impregnada daquele conceito idiota de que a política é para os políticos e que esses não são sérios.

P| O Pelé posou para PLACAR com a camisa das diretas. Isso surpreendeu você?

R| Eu não o conheço profundamente, não sei o que ele pensa. Independentemente disso, no entanto, eu acho ótimo que ele tenha se en-

Sócrates caracterizado como dom Pedro para a PLACAR em 1984

© FOTOS LUIS CRISPINO

De mãos dadas com Wladimir e Casagrande no palanque

gajado, porque é hora de todo mundo participar, nem que seja por conveniência.

P| Para quem andava deprimido ultimamente, é visível que alguma coisa mudou em você, que parece bem mais entusiasmado. É isso mesmo?

R| Eu estou outra vez supermotivado. Andei querendo achar explicações para um bando de coisas que estavam acontecendo em torno de mim e em geral. Senti que tinha muita gente fazendo corrente contra o nosso trabalho, outras pessoas querendo manipular o sentimento coletivo. Hoje eu sinto que essas pessoas são impotentes para nos vencer, e a minha frustração se transformou em vontade de lutar. A minha preocupação hoje é com o resultado mesmo, é para ganhar em todos os níveis.

P| Sua depressão também tinha a ver com as especulações sobre sua ida para a Itália?

R| Acho que já deixei claro que só jogar futebol não é tudo. Posso achar lindo – e acho –, adorar estar num campo – e adoro. Mas posso fazer isso até na praia. Para jogar como profissional existe uma série de outras condições, coisas paralelas que também me interessam, me motivam, me fazem trabalhar melhor. Se essas coisas estiverem frustrando você, todo o resto acompanha. Eu estava mal comigo mesmo, independentemente das especulações do vai-não-vai etc.

> Quero ficar no meu país para participar da reconstrução dele. Se vou trabalhar como jogador, gari ou médico, é outra conversa

P| Você não tem medo de que o Corinthians use a sua promessa no caso de a emenda das diretas ser aprovada, oferecendo menos do que você quer para uma renovação de contrato?

R| Afirmei que ficaria no Brasil. Fazendo o que é outra coisa.

P| Que coisa?

R| Quero ficar no meu país para participar da reconstrução dele. Se vou estar trabalhando como jogador, como gari, como pedreiro, como médico, é outra conversa.

P| Quando se perde um jogo, um campeonato, sempre tem o próximo, a vida continua e uma vitória faz esquecer. Como você imagina o dia seguinte da votação da emenda caso haja a rejeição?

R| Acho que vamos mobilizar muito mais gente para daí a 15 dias, sei lá. Acho irreversível esse processo.

P| A emenda do governo prevê diretas para 1988 e alguns analistas avaliam que é possível antecipar para 1986. Você não acha isso razoável?

R| Mas esperar o quê? Por que não já? Se as diretas são um desejo unânime, por que não já?

P| E se a emenda for aprovada para já? Quem é o presidente?

R| Quem o povo escolher. Não interessa quem vai ser.

P| E se o Maluf ganhar?

R| Não teria nada a ver comigo. Mas, quem quer que seja, terá que governar com o povo e será legítimo.

P| Há sete meses você disse que não se preocupava em ser coerente. Mas de lá para cá você tem batido na mesma tecla, sem correções de rota. Fruto da maturidade dos 30 anos?

R| As pessoas vão mudando de acordo com as informações que vão recebendo. Quanto mais formado você está, menos você muda.

P| E no futebol? Já sabe tudo?

R| Olha, sei que hoje jogo melhor que há dois anos. Que aprendi muito, que ponho isso em prática no campo. Mas não sei tudo, não.

P| Sua relação com a torcida, como anda?

R| A grande dificuldade é exatamente esta: saber se controlar no relacionamento com o público. Quando você obtém o domínio disso, aí tudo fica mais fácil.

P| Por quê? Como é isso?

R| Se você ficar trocando emoções com a torcida, você deixa de ser o artista, passa a ser o torcedor. Daí não há motivo nenhum para você estar em campo. O que é preciso é você transmitir a emoção para o torcedor, e isso eu já consigo sem nenhuma ansiedade, com absoluto controle. Eu sei que posso jogar bem, como sei que posso jogar mal, e a reação da massa não me afeta, embora eu procure afetá-la de maneira positiva. Provavelmente o meu temperamento ajude muito nisso, deve ser uma vantagem que tenho em relação aos outros.

P| Ir jogar no futebol europeu é um desafio profissional?

R| Não, de jeito nenhum. Tenho plena consciência de que venço lá como venci aqui, que jogo lá o que jogo aqui. É claro que existem as condições externas, extrafutebol. Eu tenho que estar bem comigo mesmo. Mas não é desafio. Eu não estaria arriscando nada, não tenho dúvida.

P| No capítulo das suas mudanças. Você anda mais caseiro?

R| Sem dúvida.

P| Por quê?

R| Eu tive a chance de tomar contato com vários tipos de pessoas e quis acompanhá-las para conhecer outros estilos, formas de pensar e, então, definir o meu caminho. Então, tive diversos tipos de vida nos últimos anos. Mais agitada, com mais contatos, com menos, e fui me organizando da maneira que achava mais legal para mim. Nisso tudo, a relação com a minha família se revelou fundamental, a relação com a minha mulher, com os meus filhos, além de eu sentir também como sou importante para a família.

P| É verdade que você até anda fazendo lição com as crianças?

R| Acho que estou aprendendo mais que eles. Revendo história, sacando algumas coisas de português, recordando matemática. É útil para as crianças e para mim.

> Viver bem, é claro e infelizmente, depende em muitas coisas de você ter o dinheiro, mas ele não pode reger a sua vida

P| Como o seu pai reagiu à sua atuação no comício?

R| Não falei com ele ainda, mas imagino que deva ter dito "ele tá louco". Mas ficou orgulhoso. O velho só acha que o lado do trabalho deve ser preservado sempre. Embora seja sensível aos problemas do país, ele gostaria que eu primeiro ficasse rico e depois fosse cuidar do resto. No fundo ele acha que depois ninguém mais vai dar valor para mim, se eu estiver bem ou mal ninguém vai ligar. Ele quer que eu faça a minha vida já.

P| Para você não existe diferença entre futebol já e diretas já?

R| Não. O que a maior parte das pessoas não entende é que o dinheiro não tem essa importância. É mera consequência do seu trabalho. Se você trabalha bem, tem uma remuneração em troca disso. Se trabalha mal, ocorre o mesmo, em qualquer atividade profissional que seja, pelo menos numa estrutura capitalista. Eu posso ser um ótimo jogador hoje e um médico medíocre amanhã, o que espero que não aconteça. Então vou continuar recebendo da sociedade o que for condizente com a minha competência. Daí isso não ser o fundamental na vida. Viver bem, é claro e infelizmente, depende em muitas coisas de você ter o dinheiro, mas ele não pode reger a sua vida.

P| Você passa a sensação de que não conseguiu encontrar em São Paulo o nível de amizade, de camaradagem e confiança que seus amigos de Ribeirão Preto transmitem. É assim mesmo?

R| É. Em Ribeirão ninguém se preocupa com o que eu represento e sim com o que eu sou. Em São Paulo é o inverso. Em Ribeirão existe uma relação mais sincera, na qual importa o que você é e não o que você faz.

P| Toda a movimentação resultante da Democracia Corintiana pode ser a explicação para o fato de que o time esteja sendo prejudicado pelas arbitragens, segundo manifesto do próprio clube?

R| Que a gente incomoda, não tenho a menor dúvida. Mas não chego a acreditar que haja um boicote contra o Corinthians, não. Isso é tão absurdo, tão inqualificável, que prefiro não acreditar.

P| E as diretas? Quando?

R| Diretas já, diretas ontem.

© FOTO ORLANDO BRITO

EDIÇÃO 731 25/5/1984

Até a volta, Magro!

DEPOIS DE SEIS ANOS DE CONVIVÊNCIA E AMIZADE, O JORNALISTA JUCA KFOURI SE DESPEDIA DO CRAQUE, DE PARTIDA PARA O FUTEBOL ITALIANO

POR JUCA KFOURI

A primeira vez que entrevistei Sócrates, perguntei que nota ele daria ao futuro presidente João Figueiredo, então indicado para suceder Ernesto Geisel e fazendo questão de anunciar que "faria deste país uma democracia". Sócrates deu nota 10 ao sucessor, um crédito de confiança.

Passados seis anos, na última sexta-feira, quando se confirmava o que PLACAR antecipara na terça em relação à venda de seu passe para a Fiorentina, repeti a mesma pergunta. O Magro, olhos vermelhos como resultado de uma noite agitada e maldormida, simplesmente respondeu que o presidente não merecia nota alguma porque representava muito pouco para o país e revelara gosto nenhum pela política. Saí de seu apartamento tentando descobrir quem é que mudara: Sócrates ou Figueiredo?

Não é difícil saber. Do Sócrates que chegou ao Corinthians em 1978 só restou a pureza de quem foi criado em Ribeirão Preto. No mais, ele amadureceu, conheceu um mundo novo e ficou muito mais seguro de si.

Durante esses seis anos, conheci o Sócrates frio e impessoal, que um dia me levou a cometer o maior erro de minha carreira, ao garantir que nunca mais jogaria no Corinthians de Vicente Matheus. Ouvi isso dele às 10 horas da noite de um domingo, escrevi na página 3 de PLACAR e na terça-feira, quando a revista ia para as bancas, os jornais já anunciavam que na noite anterior Sócrates havia renovado o contrato na casa de Matheus. Admito que na semana seguinte reconheci alegremente o que na gíria jornalística se chama de "barriga". E disse a ele que nunca mais acreditaria no que me dissesse, o que foi novo erro meu.

Aos poucos fui conhecendo o Doutor, uma pessoa mansa, sem afetação, vaidoso apenas a ponto de gostar de ser reconhecido como craque, condição que, tão logo é estabelecida, ele reparte com os companheiros. Foi este Doutor que pacientemente concedeu ser maquilado durante horas para posar para uma foto de PLACAR em que representava a si próprio com 50 anos de idade, ou que foi ao Rio só para ser apresentado a Zico, ou receber Reinaldo, que também não conhecia, em sua casa.

Nosso relacionamento foi ficando mais estreito, mas, confesso, sentia dupla dificuldade: uma, que ele era um ídolo meu; duas, que não se deve misturar amizade com a profissão de jornalista.

Mas o Doutor é cativante, e foi-se transformando no Magrão.

Manteve-se numa linha de rigorosa incoerência (é isso mesmo), até pelo menos dois anos atrás, mudando de opinião com frequência e não escondendo isso de ninguém. Verdade que nas questões mais importantes sempre esteve do lado certo.

Ainda no tempo de Vicente Matheus, disse que não queria ser simplesmente um jogador do Corinthians, que queria participar da vida do clube. Tempos depois, foi fundamental para a implantação da vitoriosa Democracia Corintiana.

Os poderes do Doutor

Veio a Copa da Espanha. O danado do médico tinha letra perfeitamente legível e, ainda por cima, sabia escrever. O Diário da Copa, que escreveu para PLACAR, não me deu nenhum trabalho. Era receber e mandar pelo telex.

Com a misteriosa magia que cerca as pessoas acima da média, o Magrão foi tomando consciência de ser um predestinado. Certa vez me disse que desde cedo sentia que iria ser uma pessoa diferente, que por mais que não planejasse as coisas, elas se sucediam em sua vida sempre na direção do êxito e que algumas o assustavam.

Por exemplo: lembra que sentiu uma terrível angústia ao fazer o primeiro gol do Brasil contra a Itália, no Sarriá. Que ali teve certeza de que a Seleção não seria campeã porque sonhara que faria o primeiro e o último gol do Brasil na Copa. Fez, de fato, contra a URSS, o primeiro, mas o au-

Aos 30 anos, ele se despedia do Corinthians rumo a Florença

© FOTO RODOLPHO MACHADO

Sopro de esperança no fatídico jogo contra a Itália em 1982

tor do último foi Falcão. Confrontado com isso, responde que a sensação de derrota sentida ao fazer o seu gol foi mais forte do que o sonho.

Tinha certeza, também, de que, ao ir para Ribeirão Preto participar de um jogo beneficente, ali se machucaria. Não quis ceder ao pressentimento e machucou-se no último minuto do futebol de salão.

Lembrei a ele que em junho de 1982 PLACAR publicara que seu zagueiro predileto era Passarella e o armador preferido era Antognoni, por coincidência dois novos companheiros na Fiorentina. Ele sorriu, como quem diz "pois é, sei lá o que me dá".

Vivemos juntos pelo menos um momento muito triste. Dia 6 de julho de 1982, aeroporto de Barcelona, o Magrão passa por mim, que estava na porta da sala de embarque me despedindo do nosso maravilhoso time injustamente devolvido mais cedo para casa, sem nem sequer olhar. Estranho, vejo que ele já está no meio da sala, ele volta, segura no meu braço, com os olhos cheios de lágrimas, e pergunta desorientado: "Juca, o que eu vou dizer no Brasil"?" Comovido tanto quanto ele, respondo que só havia uma coisa a dizer, dizer "que pena, Brasil" – título, aliás, da capa da edição de PLACAR daquela tragédia. E acrescentei: "Magrão, só torço agora para que você chegue em São Paulo e nasça uma menina, a Mariana que você quer".

Ao descer em Congonhas, soube pelos jornais, o capitão da Seleção limitou-se a dizer "que pena, Brasil". E, em seguida, ganhou o quarto menino, Eduardo, que veio juntar-se ao Rodrigo, ao Gustavo e ao Marcelo. Foi a única vez em que o vi chorar, embora tenha sabido que na madrugada da última quinta-feira, desesperado com as negociações entre Corinthians e Fiorentina, ele tenha dado um murro na mesa e ameaçado parar de jogar futebol porque não admitia ser tratado como mercadoria, retirando-se em prantos da sala de reunião.

Curioso Magrão. Hoje ele diz que

Ns finais do Paulista de 1983, contra o São Paulo

aprendeu a amar o Corinthians, que deu tudo o que podia ao clube, que se sente um sócio dele e que, quando jogarem Corinthians e Botafogo de Ribeirão, ele vai torcer pelos dois. Confessa que sofreu muito na primeira vez em que jogou contra o Botinha e que é incapaz de se imaginar jogando contra o Corinthians, embora se orgulhe de ser o responsável por levar o alvinegro de volta à Europa, mesmo que seja para a partida de sua estreia/despedida em Florença.

A semente corintiana

Ao Brasil ele voltará definitivamente após a Copa que espera disputar no México, e de novo pronto para ajudar o país a mudar, mudança que, ao ser rejeitada na votação pelas eleições diretas, auxiliou a decisão de ir embora por dois anos, como um dom Pedro 1º meio frustrado.

O Sócrates, o Doutor, o Magrão ou o Cratês, como é chamado pela mulher, Regina, vai embora levando a melhor coisa que eu vi em 30 anos de Corinthians. Mas, por outro lado, deixa uma semente mais que plantada numa nação que era um fenômeno paulista e que ele conseguiu transformar em nacional.

Deixa também uma lição de liberdade, de simplicidade e de graça, a mesma que se respira em seu apartamento paulista, tão original que até uma tabela de basquete tem no corredor dos quartos, para a delícia dos quatro meninos, em pleno 11º andar da rua Maranhão – e pobre do vizinho de baixo, talvez um dos poucos brasileiros felizes com a ida do Magrão.

Por dois anos acabaram-se as cervejadas noite adentro, os churrascos intermináveis em Ribeirão, as aparições mais inesperadas fosse a hora que fosse.

Como brasileiro e apaixonado pelo futebol, lamento como lamentei as vendas de Falcão e Zico, e lastimo a incompetência do nosso futebol em manter nossos ídolos aqui. Como corintiano, lamento que meu time fique igual aos outros, sem a diferença do toque mágico de calcanhar.
Como amigo que, feliz ou infelizmente, acabou ocupando uma dimensão maior que a do jornalista, fico dividido entre a saudade e a alegria de querer vê-lo bem, seja onde for.

Ironias. wNas últimas férias, conversávamos à beira do mar em Caraguatatuba, ali pelas 5h30 da manhã, vendo o sol nascer. Entre confidências sobre a vida e suas implicações, falei a ele que gostaria de morrer em Florença, cidade pela qual me apaixonei em 1982. O Magro, olhar perdido, lamentou não conhecê-la, embora ouvisse Regina dizer o mesmo da romântica terra florentina. E não é que ele achou de trocar o nosso Parque São Jorge por Florença?

Paciência. Comunico à praça que sou Fiorentina desde criancinha. Que o reinado da Juve está por um fio. Que vou ter de voltar a Florença muitas vezes e muito antes de morrer. Que a Itália ganha mais um jogador fantástico e uma personalidade sem igual. Que a imprensa italiana vai conhecer um ídolo capaz de posar de Pensador de Rodin ou de governador de Estado. E que, apesar do vazio irreparável, o Corinthians sai desses seis anos da era Sócrates ainda maior do que era.

Boa sorte, Sócrates. Felicidades, Doutor. Vai com tudo, Magrão.
Até sempre.

01 FOTO JB SCALCO 02 FOTO NICO ESTEVES

Sócrates já é italiano

EM JUNHO DE 1984, A FIORENTINA FESTEJOU A CHEGADA DO CRAQUE. MAS ELE NÃO SE ADAPTOU: 33 JOGOS E 9 GOLS DEPOIS, VOLTARIA AO BRASIL

GERARDO LANDULFO, DE FLORENÇA

"Já me sinto em casa", resume o doutor Sócrates, entre um e outro copo de cerveja, no bar do Crest Hotel, na noite de sábado, menos de 24 horas depois de chegar a Florença.

Ele chegou na sexta-feira, pouco antes da meia-noite, depois de fazer de automóvel os 280 km da viagem Roma-Florença, e terminou o sábado no coração de cartolas, técnico, jogadores e torcedores da Fiorentina. "Já conhecia e admirava o jogador. Agora, que tive a oportunidade de conhecer o homem, admiro-o muito mais", elogiou o presidente Ranieri Pontello.

"Na Fiorentina, ele fará o mesmo que fazia no Corinthians ou na Seleção Brasileira", prometeu o técnico Giancarlo De Sisti. *"Benvenuto"*, disse-lhe, com um abraço, o argentino Passarella. *"El cacanhar chè la bola pediu a Deus"*, já o haviam saudado no aeroporto de Roma, inaugurando o *italianês* como língua, dezenas de torcedores da Fiorentina.

É natural, pois, que o craque se sentisse em casa. "Vou curtir de novo morar no interior", dizia ainda o Doutor, referindo-se à cidade, que tem apenas 500 mil habitantes na zona urbana. Ele tem planos de aproveitar bastante a riqueza cultural da cidade e vai, até, voltar à medicina, estagiando no Centro Ortopédico Toscano: "Mas não pretendo me especializar. Quero só atuar como estudante, para readquirir o pique de hospital".

Esta disposição parece tê-lo ajudado a conquistar os italianos. Ainda em Roma, já havia encantado jornalistas e torcedores quando respondeu, em italiano, o que poderia prejudicar sua adaptação: *"Niente"*. Na mesma entrevista, depois de falar de seus quatro filhos, confessou: "Quero uma filha florentina". E fez uma promessa: o título de campeão italiano para a Fiorentina de Sócrates, Passarella e Antognoni. No sábado, o *Corriere dello Sport* deu a promessa no alto de sua primeira página: *"Socrates promette scudetto a Firenze"*.

> Quero atuar como estudante *(no Instituto Ortopédico Toscano, em Florença)* para readquirir o pique de hospital

Mas Sócrates iria abrir-se mais com os jornalistas em Florença, quando deu sua primeira entrevista coletiva, no Estadio Comunale. Não demonstrou constrangimento nem mesmo diante de perguntas embaraçosas. Perguntaram-lhe, por exemplo, quantos cigarros fuma por dia e o Doutor respondeu, sem vacilar: "Nunca contei, mas acho que uns 15, no máximo".

Confirmou sua pouca disposição para as longas concentrações, em que vê muitos efeitos negativos, mas desmentiu que seu contrato o desobrigue de concentrar-se. E falou muito de política, instigado pelos numerosos enviados de jornais políticos à coletiva: "Democracia é ou não é", proclamou, ao analisar a situação brasileira. "Não existe pouca ou muita democracia."

Como os repórteres insistissem nos temas políticos, o vice-presidente da Fiorentina, Luigi Lombardi, veio em seu socorro, perguntando aos jornalistas: "Vocês vieram entrevistar um deputado ou um jogador?"

Logo na chegada a Florença, ficou conversando com o técnico De Sisti até 3 da manhã. Assunto: trabalho. De Sisti mostrou-lhe como joga a Fiorentina, desenhando num papel a posição dos jogadores e suas funções em campo. Sócrates explicou

A primeira impressão entre jornalistas e torcedores italianos não podia ser melhor

como gosta de jogar, partindo do meio-campo com a bola dominada.

No sábado, depois da entrevista, passou a tarde entre Vinci – cidade do grande Leonardo, perto de Florença – e Empoli, outra cidadezinha vizinha, onde viu seu novo time ganhar de 3 x 2 do fraco representante local na Segunda Divisão italiana, sem tirar a echarpe com as cores da Fiorentina que havia ganhado dos torcedores logo que desembarcou em Roma. Nos caminhos, não parou de brincar com o ousado motorista Fernando Cellat, chamando-o de Alboreto, o mais famoso dos pilotos italianos da Fórmula 1. Só descansou de noite.

Passou o domingo em Sarteano, cidade a 130 km, onde moram os parentes do comandante Marcello Placidi, intermediário das negociações entre Corinthians e Fiorentina. Na segunda, passaria o dia em exames médicos e, de noite, iria à casa de Antognoni, que se recupera de uma fratura. A terça-feira, de novo dedicada a exames médicos, estava programada para terminar em Roma, onde ele e a mulher, Regina, iam assistir ao show de Bob Dylan, antes do retorno ao Brasil na quarta ou quinta-feira.

Não terá em seu desembarque brasileiro o mesmo ambiente de festa que encontrou em Roma e Florença. Mas, desta vez, o Doutor terá uma recompensa, pois certamente não estarão no aeroporto figuras como Bernardo Goldfarb, o principal inimigo da Democracia Corintiana dentro do Parque São Jorge, e seu seguidor, Sérgio Terpins – ambos compareceram juntos ao embarque do craque na quinta-feira, dia 14, "para ver se ele vai mesmo embora", como dizia Terpins em Congonhas. Nem precisava. Bastava esperar as manchetes, eufóricas, dos jornais italianos: *"Benvenuto Socrates!"*, bradou *La Città*, de Florença; *"Ecco Socrates"*, anunciou *La Gazzetta dello Sport*; *"È arrivato Socrates"*, informou *Tuttosport*.

O Doutor foi mesmo. E, enquanto o futebol brasileiro, sem ele, agoniza diante de ingleses e argentinos, na Itália dão-lhe um novo título: *"È arrivato Socrates nuovo granduca"*, proclamou *La Nazione*. Em julho, o Grão-duque estará de volta à sua nova casa para uma temporada de dois anos. Para tristeza do futebol brasileiro.

© FOTO GIANCARLO SALISCETI

EDIÇÃO 800 20/9/1985

O Maracanã conquista seu novo gênio

O FLAMENGO UNIA A DUPLA ZICO/SÓCRATES, QUE ENCANTARA O MUNDO TRÊS ANOS ANTES, NA COPA DO MUNDO DA ESPANHA: NOVO ÂNIMO PARA O DOUTOR

POR ARMANDO CALVANO E PALMÉRIO DÓRIA

A identificação da torcida flamenguista com o Doutor Sócrates ficou clara, na ala internacional do aeroporto, quando o coro de rubro-negros saudou com música o craque que chegava da Itália. "Entornar é viver/ Doutor, vou beber com você." Ao ritmo da bateria mirim da Mangueira, o coro-paródia era uma maneira de declarar um amor independente de gols, atuações, resultados. Ali, um dos traços mais signifi-cativos da personalidade de Sócrates — a assumida paixão por uma mesa de bar — encontrava simpático abrigo no bom humor da torcida. Era como se, naquela manhã de sexta-feira, 13, o povão estivesse dizendo: "Sinta-se à vontade".

O próprio Zico, numa demonstração de total desprendimento, estava ali, alegre como o resto do povo. Para o Galinho, não era a chegada de uma estrela com a qual deveria dividir atenções e glórias — era a chegada de um amigo e de um craque.

Às 7h35, depois de desembaraçar 275 kg de bagagem na alfândega, Sótrates surgia triunfalmente no saguão. Ao lado de Zico, que se portava como o anfitrião da festa, o Doutor balbuciou uma constatação: "Sou um privilegiado. Primeiro, o Corinthians; agora, o Flamengo. Isso é tudo o que um jogador pode ambicionar em sua carreira". Depois, ele se animaria a ponto de ousar: "Junto com Zico, formarei o maior time do mundo". E não pôde mais fazer declarações, pois a essa altura a tradicional Charanga Rubro-Negra já atacava seus acordes, que se misturavam ao batuque da Mangueira e à gritaria da torcida.

"Feliz Brasil"

Zico, já um pouco afastado do centro das atenções, ainda podia falar: "Temos no Flamengo, agora, um dos maiores talentos já produzidos no futebol brasileiro e um dos maiores atacantes do futebol mundial. Feliz do time que pode contar com um talento desses. Feliz do futebol brasileiro, que terá em Sócrates um apoio fundamental na Copa do Mundo do ano que vem". E o corso partiu.

Naquele momento, o Doutor estava começando a deixar para trás o pior período de sua vida. Distanciava-se de momentos de incrível turbulência e humilhação. Um amigo recente, mas suficientemente íntimo dele, resumia: "É fácil entender por que houve o choque entre Sócrates, que é uma pessoa sensível, com o futebol italiano. Na Itália, os clubes são sociedades anônimas e seus dirigentes atuam mais como diretores financeiros, não como diretores esportivos. Antes de tudo, visam lucro — o relacionamento humano não existe, é tudo distante, com raras exceções. Sócrates, de fato, não poderia gostar".

Sócrates parecia procurar esquecer o que passara, o boicote os jogadores da Fiorentina — que "não se olhavam na cara, fora de campo, e não se passavam a bola, dentro do jogo" —, a luta judicial que iniciara contra seu clube, até uma ameaça de despejo que pairou sobre ele e sua família.

Lições da Itália

Sócrates mostrava-se reticente ao recordar a Itália. Mas, sempre que falava, lutava para enxergar o lado bom da experiência: "No campo, aprendi que se deve lutar sempre pela bola — se você não a tem, não pode criar nada. Fora do campo, aprendi a dar mais valor a meu país, que — vejo hoje com clareza — tem tudo para dar certo".

O retrato mais fiel de seu estado de espírito, contudo, Sócrates só traçaria na noite de sábado, em São Paulo, onde faria uma rápida parada antes de seguir viagem até Ribeirão Preto para rever a família. Sócrates se revelaria um homem marcado pelos acontecimentos que se seguiram à fracassada tentativa de vestir a camisa da Ponte Preta e as consequências desse desastre em Florença. "Bateram firme, me pegaram nos meus pontos mais sensíveis", desabafava. "Jamais imaginei que fossem tão longe. Chega de botar a cara para baterem. Até de mercenário me chamaram."

No Fla, esperanças renovadas depois da decepção na Itália

De fato, ultimamente foram poucas as boas referências a seu respeito, embora alguns de seus críticos o tenham procurado em particular, como foi o caso do Fluminense, que, momentos antes de o negócio ser fechado com o Flamengo, quis contratá-lo.

"Será que as pessoas não percebem que eu não sou um atleta porque jamais fui programado para isso? Que eu não posso ser comparado com quem, desde garoto, já tinha a opção feita pelo esporte? E que eu mesmo jamais neguei isso?", perguntava-se, triste. "Será que já se esqueceram de que, apesar de tudo isso, eu fui escolhido para a seleção dos melhores jogadores da Copa da Espanha? E que aquela foi uma escolha feita por jornalistas do mundo inteiro, com predominância de europeus, os tais que adoram o chamado futebol-força?"

Sócrates estava deixando para trás esse baixo astral, quando, pouco depois das 9h30 da sexta-feira passada, o corso que o seguia desde o aeroporto do Rio apontava na Gávea. Então, espocaram centenas de fogos de artifício. Em seguida, mal conseguia caminhar pela sala onde assinou um contrato simbólico, cerimônia que só servia para registro de fotógrafos e *cameramen*, já que o contrato realmente válido fora assinado na noite da terça-feira anterior, em Florença.

Nele está escrito: em dois anos, o Doutor receberá salários mensais entre 50 e 75 milhões de cruzeiros (a soma exata ainda não foi fixada) nos primeiros 12 meses, quantia que será reajustada com base em ORTNs no segundo ano de contrato. Cifras à parte, Sócrates garantia que a festa da torcida flamenguista o tocara a um ponto que ninguém pode imaginar.

Enquanto Regina sondava o mercado imobiliário carioca, ele vestia uniforme e entrava em campo para seu primeiro treino no Flamengo. Fez aquecimento, reviu ou conheceu os novos companheiros, bateu bola, mostrou um pouquinho do que sabe – apesar do cansaço. Mozer e Leandro, por exemplo, tinham sobre ele uma opinião só: "Era a peça que faltava para dar mais força ofensiva ao Flamengo". Bebeto se mostrava encantado: "Tenho muito o que aprender com Sócrates, que tem uma cabeça e um futebol incríveis. Não importa em que posição, quero é jogar nesse time".

No sábado, à noite, a caminho de Ribeirão, confortado com as lembranças da festa da véspera, Sócrates dizia que "o Flamengo só tem cobra", que gostou muito do preparador físico Sebastião Lazarone, "um cara jovem ainda" e que o impressionou.

Dizia também que sente que o Flamengo quer colocá-lo "no colo" – e, no fundo, ele gostava disso.

Depois de muito tempo, o Doutor se sentia querido outra vez.

FOTO RICARDO BELIEL

EDIÇÃO 837 9/6/1986

O canarinho decolou

AO FIM DE UM LONGO PERÍODO DE INCERTEZAS, O GOL DE SÓCRATES FEZ RENASCER AS ESPERANÇAS DA TORCIDA, AINDA TRAUMATIZADA COM 82

POR MARCELO REZENDE

Um gol, principalmente quando é decisivo, nunca é demais descrever: são 16 minutos do segundo tempo contra a Espanha, estádio Jalisco, Guadalajara. O Brasil estreia na 13ª Copa do Mundo. O meia-armador Júnior penetra pelo meio e dá um passe com precisão para o avante Careca. Este limpa o lance e chuta com força. A bola bate no travessão e sobra na frente do gol. E fica, como se estivesse parada no ar, à espera da cabeçada de Sócrates.

Brasil 1 x 0, este seria o resultado final. A Seleção Brasileira, depois de tantos problemas, hesitações e indefinições, dava seu primeiro passo rumo ao tetracampeonato. A Espanha, vice-campeã europeia de seleções, com três de seus principais times classificados nas finais da Copa da Europa, estava irremediavelmente batida. Reclamava, e com razão, de um chute do apoiador Michel, aos 7 minutos do segundo tempo, que batera no travessão e realmente entrara no gol de Carlos. Mas o que vale é o apito do juiz – e o australiano Christopher Bambridge não viu a bola entrar e seu auxiliar, o holandês Jan Keizer, nada acenara.

O técnico espanhol Miguel Muñoz deu um diagnóstico: "Este Brasil é inferior ao de 1982, porém mais aplicado taticamente. Marca melhor, atira-se com mais vitalidade à luta e pode ter em Sócrates um comandante mais livre para criar. Vai melhorar quando Zico se juntar a Sócrates. Aí vocês terão um grande time. Por enquanto, ele é apenas razoável. Mas os juízes gostam".

No caderno de Muñoz estava a informação de que o Brasil não tinha entrosamento e Sócrates, escalado como titular, não renderia bem, nem mesmo teria pernas suficientes para os 90 minutos.

> Nosso time estava muito mais seguro do que em 1982, apesar de aquela Seleção ser ainda melhor que a atual

Por isso, descrever um gol decisivo nunca é demais. Sócrates corre para a torcida, que, se já gritava "Brasil", agora entra num estado de loucura. Nem parece aquele Sócrates que chegou na Seleção retratando bem o espírito do time de Telê: fora de ritmo, sem ânimo nem para reagir às críticas. E, ao ser chamado de bêbado e boêmio, deu de ombros até descobrir que, em seu caso, críticas se respondem com futebol.

Havia, ao encerramento da partida, ironias de cronistas de todo o mundo, principalmente dos italianos, que pareciam se esquecer de que no Sarriá, 5 de julho de 1982, a Itália realmente ganhou do Brasil por 3 x 2, mas houve um claríssimo pênalti de Gentile em Zico, que o juiz preferiu não observar.

Há duas sextas-feiras, ao deixar a Cidade do México, Sócrates estava na lista de possíveis cortados do técnico Telê Santana. Tal como Zico, Cerezo e Dirceu, Sócrates também se submeteu ao teste da inscrição a 23 de maio passado. Só que ele, diferentemente dos demais, estava certo de que continuaria no grupo. Como em 1982, abria mão da cerveja, só dava tragadas em cigarros alheios. Ainda naquele 23 de maio, depois de confirmado, sempre com seu ar de que já sabia, brincou: "Agora vamos nos preocupar com as vitórias".

Vitórias, isto mesmo, no plural. Recolhido num mutismo sobre assuntos mais polêmicos, passou a cuidar dos mais novos e teve uma sensibilidade que talvez tenha falta-

Estádio Jalisco, 1º de junho de 1986: Júnior e Sócrates celebram uma vitória fundamental contra a Espanha

do ao treinador: viu Casagrande exasperado e preferiu deixá-lo assim mesmo para não despersonalizá-lo; sentiu em Elzo um jogador seguro e não lhe deu maiores atenções; buscou Júlio César, que teria a difícil missão de entrar na vaga de Oscar, para lhe contar o que é uma Copa do Mundo; e esteve, momento a momento, ao lado do amigo Zico. Por isso, em contraste com 1982, quando entramos na Copa do Mundo com sete estreantes e com um time que tinha Júnior, Falcão, Cerezo, Zico e Sócrates em ótima forma física e técnica, não sentimos a estreia.

Em 1982, diante da União Soviética, o time estava excessivamente nervoso, capaz de facilitar todos os avanços adversários. Desta vez, com oito estreantes como titulares, exceção de Edinho, Júnior e Sócrates – e com Zico e Falcão no banco de reservas –, o time soube ter cautela. Resistiu aos próprios erros, como a falta de jogadas pela direita ou mesmo um lateral-direito, Édson, muito fraco. O próprio Júlio César, que todos pensavam teria uma tremedeira, ria muito no final: "O jogo me pareceu muito com o Campeonato Paulista".

Em vez do Hino Brasileiro, colocaram o Hino à Bandeira – e os jogadores brasileiros, em sinal de protesto, não se perfilaram, por sugestão de Sócrates. Este mesmo Sócrates que, ainda no vestiário, falou com um por um e disse quase a mesma coisa aos mais novos: "Isto aqui não tem segredo. Façam o que sabem que a gente vence".

De sábado para domingo, Guadalajara não dormiu: as ruas estavam em festa. Havia espanhóis, é verdade, mas o número era reduzido diante de tantos brasileiros-mexicanos. Samba, cerveja, uísque, tequila e algumas drogas estimulavam uma algazarra que durou até quase de manhã. Bem longe dali, a 32 km, a Seleção Brasileira dormia.

Ao final da partida, escolhido pelo técnico Telê para acompanhá-lo a uma tumultuada entrevista coletiva, provocada pela desorganização do pior Mundial de todos os tempos, Sócrates mostrava-se calmo e firme, como sempre: "Nosso time estava muito mais seguro do que em 1982, apesar de aquela Seleção ser ainda melhor que a atual".

Cerveja e bola

Euforia grande, um resultado que, depois de tantas confusões, trouxe de novo ao convívio do bom futebol o Doutor Sócrates, apagado desde sua ida para a Itália e que cumpriu o prometido de estrear na Copa em ponto de bala.

Por isso, ao deixar o Jalisco, Sócrates estava tão contente: gosta de falar de política, de beber cerveja, de fumar seus cigarrinhos, de papear até altas horas, mas gosta, e muito, de jogar bola. Ele, autor de um gol que o Brasil repete a todo instante, ajudou a afastar a descrença e fez a torcida presente a Guadalajara, que esboçara vaias duas vezes, vibrar verde-amarelo.

As trapaças do destino

A DRAMÁTICA HISTÓRIA DE 21 DE JUNHO DE 1986, DIA EM QUE ERROS E FATALIDADES MATARAM, OUTRA VEZ, O SONHO DE GLÓRIA DE UMA GERAÇÃO DE CRAQUES

POR MARCELO REZENDE

Sábado passado, 21 de junho, o Brasil teria todos os motivos para festejar. Afinal, nessa data comemoravam-se os 16 anos do tricampeonato mundial no México e da conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Mas não foi um dia de festas: o Brasil, mais uma vez, saía prematuramente de uma Copa, desta vez desclassificado nas quartas de final, numa decisão por pênaltis diante da França, atual campeã europeia.

Ao imediato choque da derrota, numa partida magnífica, que terminou 1 x 1 no tempo normal, gols de Careca e Platini, começou um outro tipo de jogo, um jogo maniqueísta, em busca do culpado por mais um fracasso da Seleção de Telê Santana. E foi justamente Telê o primeiro acusado, como se ele fosse o responsável pelas bolas na trave de Careca e Müller, pelo pênalti chutado em cima do goleiro por Zico, ainda no segundo tempo, ou pelos outros pênaltis desperdiçados por Sócrates e Júlio César, no momento cruel da decisão.

Quem pensaria, anos atrás, que craques como Edinho, Zico, Júnior e Sócrates tinham nascido para perder? Zico e seus 703 gols. Sócrates e suas passadas largas, com ar superior de quem nasceu para decidir nos momentos difíceis. Júnior e seu malabarismo que traduzia vitórias. Edinho e seu espírito de capitão. Até Júlio César, a grande revelação desta Seleção, que chutaria o último pênalti da decisão na trave direita do francês Bats...

Chorando a tristeza

Era dos craques que dependia a fé do Brasil. E Zico, que entrara aos 26 minutos do segundo tempo, carregava a aura de que, ao pisar no gramado, conduziria o Brasil à vitória. Aos 28 minutos, lançamento genial, Zico deixa Branco sozinho na área – só resta ao goleiro Bats fazer pênalti. E lá está Zico para cobrar. O time, o estádio, o Brasil inteiro grita sua felicidade, para em 30 segundos chorar sua tristeza: Zico, o grande Zico, toca fraco, indefinido, como se buscasse, sem conseguir, o canto esquerdo.

> Meu grande valor era o do sujeito que sabia decidir. Que na hora fatal se apresentava e resolvia. E justamente foi aí que falhei

O gol poderia representar nossa classificação direta, sem prorrogação ou novos pênaltis. O escalado por Telê para a cobrança era Sócrates. Mas o Doutor perguntara a Zico se ele estava bem e ouviu uma resposta seca e direta: "Deixa comigo". Sócrates, por respeito ao companheiro, deixou. Como se tivesse uma premonição, porém, fugiu a seus hábitos: em vez de ir para o meio-campo, como sempre faz quando há pênaltis, ficou na boca da área como se "sentisse que poderia haver rebote".

A disputa de pênaltis

Agora é a vez dele, Sócrates. Bola ajeitada, novamente ele fugiu a seus hábitos, só que desta vez por uma imposição de Bats: tomou três passos, mas se surpreendeu porque Bats, diferente de todos os goleiros que enfrentara na vida, não se mexe. Sócrates, já meio desequilibrado, joga a bola um pouco para o lado direito, onde está esperando o goleiro.

Antes de Júlio César cobrar (e também errar), o Brasil pressentira o desastre no terceiro pênalti cobrado pela França: a bola bateu na trave esquerda, chocou-se nas costas de Carlos e entrou mansamente no gol. França 5 x 4.

Passional, falou em encerrar a carreira depois da eliminação

A esperança murchou como brotara: de repente, inesperadamente. E este era o desencanto do técnico Telê Santana. Na véspera da partida, sexta-feira, fugindo a seus hábitos de reclusão, passou boa parte da noite com os jogadores na concentração. Viu ser gravada uma espécie de *Jornal Nacional*, com o ponta-esquerda Edivaldo fazendo o papel do apresentador Cid Moreira. Ouviu algum samba e, lógico, não escalou a equipe nem deu pistas, o que só faria na manhã da partida. Telê estava certo de que chegara a hora de vencer.

No domingo, Sócrates, Júnior, Zico e Edinho permanecem isolados na concentração, ao lado de suas mulheres: adotaram o silêncio como a melhor maneira de esquecer o desastre.

Cada frase de Telê surpreende, ele que, em 1982, depois da derrota e da entrevista coletiva, se trancou num mutismo de 24 horas. Algumas de suas frases:

- "Júnior foi substituído porque sentiu a perna esquerda, mas, mesmo que estivesse bem, eu o tiraria: Sócrates era importante, no caso dos pênaltis, mesmo cansado".
- "Coloquei Júlio César para bater o pênalti porque foi o melhor nos treinos. E Careca bate mal".
- "Sócrates estava realmente cansado ao cobrar o pênalti, mas ele jamais perdera. Em quem eu poderia confiar?"
- "Zico já perdera um pênalti sob meu comando. E eu não acreditava que ele perdesse o segundo, se bem que minha ordem era para Sócrates cobrar".
- "Apostei nos veteranos de 1982 com convicção. O que fazer?"

No dia seguinte à derrota, inconsolável, Zico mostrava-se ainda mais perplexo junto da mulher Sandra: "Eu toquei no canto, mas fraco. E ele pegou". Júnior, ao lado, dizia à mulher Heloísa: "Nossa geração não nasceu para ser campeã". Sócrates, com a mulher Regina, fazia uma autoanálise: "Meu grande valor era o do sujeito que sabia decidir. Que na hora fatal se apresentava e resolvia. E justamente foi aí que falhei. Quem sabe aquele chute que o goleiro defendeu não tenha sido o último de minha carreira?"

FOTO SÉRGIO SADE

EDIÇÃO 959 21/10/1988

Peixe desde bebezinho

AOS 34 ANOS, ELE "DESPENDURAVA" AS CHUTEIRAS, VOLTAVA AOS GRAMADOS E APOSTAVA QUE SERIA CAPAZ DE CURTIR A CARREIRA COMO NUNCA. DESTA VEZ, NO SEU TIME DE INFÂNCIA: O SANTOS

Quando menino, o futuro ídolo corintiano não perdia um jogo do alvinegro em Ribeirão Preto. Só que o alvinegro, no caso, era outro. Era o Santos de Pelé e companhia. "Eu ia de bandeira e uniformizado", revela, nostálgico.

Quando, na quinta-feira passada, o Santos e Sócrates chegaram a um acordo que pode lhe render cerca de 60 milhões de cruzados por um ano de contrato, muitos velhos peixeiros lembraram da contratação do lendário Jair Rosa Pinto, em 1956, aos 36 anos. Durante meia década, Jair foi o maestro de um time infernal.

Hoje, com 67 anos, Jair não aprova a nova transação. "Eu não sei quem é menos inteligente: se o Santos ou o Sócrates. O Santos está longe de ter aquele time que eu peguei, e o Sócrates foi impulsivo. Eu me dedicava muito. Ele nunca quis nada com o futebol", decreta o velho companheiro de Zito.

Pode ser que tenha razão. O rubro-negro Zico tem outra opinião. "Sempre achei que o Magrão tinha parado cedo demais. Ele criou uma ideia utópica sobre a medicina e não percebeu como seria difícil se desligar assim de uma atividade que exerceu por tanto tempo. Eu sempre soube disso e ele está descobrindo agora."

Zico parece perto da verdade. Foi mais ou menos esse o argumento que Sócrates ouviu da tenista Silvana Campos, mais que namorada, uma paixão que o rosto remoçado de Sócrates não consegue esconder. "Você pode enganar todo o mundo, mas a mim não. Você tem que voltar a jogar futebol e essa história de fazer gastroenterologia não tem nada a ver. Se ainda fosse alguma especialização médica ligada ao esporte...", ponderou a corintiana Silvana, 22 anos, cerca de dois meses atrás. O raciocínio da tenista, fã do jogador desde os 11 anos de idade, pôs o Doutor para pensar.

Não demorou muito para que ele percebesse que estava diante de uma chance rara de retornar ao futebol e assumir uma postura nova diante dele. "Agora é que me dei conta de que curti muito pouco a minha carreira. Ficava incomodado com o assédio dos torcedores etc. Agora, não. Nunca estive tão bem comigo mesmo e quero aproveitar cada momento daqui por diante", assegura o novo peixeiro.

O pequeno Sócrates era fã de Pelé

Está tão disposto que faz planos. Acha que pode estrear em meados de novembro, num jogo que quer fazer no Pacaembu contra o Flamengo, resgatando uma dívida que o clube carioca tem com ele. Admite reivindicar o Prêmio Belfort Duarte, concedido aos jogadores com mais de dez anos de carreira sem expulsão, coisa que, antes, não valorizava. "De mais a mais, ando meio emotivo e pode ser que seja expulso qualquer hora dessas", prevê.

Confiante na competência de seu velho amigo Gilberto Tim, preparador físico do Santos, os olhos de Sócrates brilham quando falam de Seleção Brasileira na Copa de 1990. "Já pensou ser campeão mundial lá na Itália, que gosta tanto de mim?", ironiza, para admitir que daqui para frente tudo será consequência do que ele conseguir render.

"Em forma, todo jogador pode jogar na Seleção. Ele pode voltar, sim, até porque, numa equipe 70% renovada, precisamos de jogadores experientes", acrescenta o técnico Carlos Alberto Silva. Sócrates terá 36 anos em 1990, e o inesquecível Nílton Santos foi campeão mundial, em 1962, com 37. Sonhar não é proibido.

Sócrates cadenciou o time do Santos por 23 partidas

©1 FOTO ARQUIVO PESSOAL ©2 FOTO NELSON COELHO

Um novo doutor está vindo por aí

ELE ESTAVA SE REINVENTANDO PARA APROVEITAR AS OLIMPÍADAS E A COPA 2014. QUERIA APARECER AINDA MAIS NA TV E NAS PRATELEIRAS DOS SUPERMERCADOS

POR FELIPE ZYLBERSZTAJN

Em janeiro, Sócrates deixou Ribeirão Preto e mudou-se para uma confortável casa no condomínio Alphaville, em São Paulo. O plano é ficar perto de onde as coisas acontecem. "Vim para São Paulo para mexer com este país. Vou incomodar!", garante. O Doutor diz estar se reinventando midiaticamente de olho nas Olimpíadas e na Copa de 2014. Projetos não faltam. O primeiro se chama *Brasil + Brasileiro*, um programa de entrevistas que estreia no dia 13 deste mês no Canal Brasil. Magrão quer aproveitar a experiência que tem como entrevistador (já teve um programa numa TV comunitária de Ribeirão) para bater papo com brasileiros ilustres. "Já fizemos o primeiro pacote de entrevistas: Zeca Baleiro *(que compôs a música tema do programa)*, Xico Sá, Marcelo Rubens Paiva e Zico."

Sócrates já vai ao ar toda semana no *Cartão Verde*, programa de futebol na TV Cultura, mas a ideia agora é falar sobre outros assuntos. Junto ao cineasta Hugo Giorgetti (do filme *Boleiros*), ele prepara outro programa de TV. "Quero mostrar o Brasil para o mundo. Vou acompanhar o que ocorrerá no país até a Copa e acabar com o estereótipo que se tem do brasileiro", diz. O ex-jogador também está lançando o personagem Doutorzinho, que deverá estampar produtos e materiais escolares. "Ele virá sempre acompanhado de mensagens educacionais, que usarei nas faixas de cabelo, como fiz na Copa de 86."

Boatos de que treinará a seleção de Cuba correm nos bastidores do futebol. Sócrates nega. Mas, afinal, qual a profissão atual do Magrão? "Minha profissão é a de... louco!"

Doutores da alegria

Magrão comenta algumas de suas imagens clássicas na PLACAR

02

Dezembro de 1980
ESTES VOVÔS JÁ FORAM CRAQUES
"A matéria tentava imaginar como eu estaria anos depois *(em 2004)*. Acho que estou um pouquinho melhor *(risos)*. Era uma especulação interessante sobre um tema recorrente: o esportista que tem de parar ainda jovem. Ainda vou voltar para a medicina. Gosto muito de fazer diagnóstico."

03

Outubro de 1982
SE EU FOSSE GOVERNADOR
"Foi uma época histórica: Democracia Corintiana, a primeira vez que a minha geração estava elegendo um governador... PLACAR pediu que eu fizesse uma plataforma simplificada de governo, e eu disse: 'Pode deixar que eu escrevo!' Tem tudo a ver ainda! Não mudou nada."

04

Junho de 1983
COMO VEMOS NOSSOS ÍDOLOS
"Remete à escultura *O Pensador*, do *(Auguste)* Rodin! É dificílimo um jogador de futebol brasileiro ser visto como pensador. Na verdade, eu sou um curioso. Leio muito, me meto em um monte de assuntos. Nessa época, por exemplo, eu estava produzindo teatro – uma peça chamada *Perfume de Camélia*."

©1

Sócrates na versão 2011: bandana e barba brancas

©5

Janeiro de 1984
NOSSOS ÍDOLOS APOSTAM EM 1984
"Desta aqui eu não lembro. Willian, Isabel e a Hortência... Não sei o que era, não. Não sei qual era a razão da foto."

©6

Abril de 1984
O DIA DO FICO DO REI CORINTIANO
"Esta foto é fantástica! Foi depois do discurso das Diretas *(no Vale do Anhangabaú, ele garantiu às 2 milhões de pessoas presentes que ficaria no país se a emenda das eleições diretas fosse aprovada)*. Pô, cheguei na PLACAR e o Pedrão *(Martinelli)* me falou assim: 'Você vai ser dom Pedro 1º *(risos)*. Todo mundo falava em transferência para o exterior, e eu queria ficar em casa, no meu país. Quando soubemos que a emenda não havia passado, foi horrível. Por isso que eu resolvi me mandar *(para a Itália, jogar na Fiorentina)*. Eu não queria ir."

©1 FOTO RENATO PIZZUTTO ©2 FOTO JORGE BUTSUEM ©3 FOTO JB SCALCO ©4 FOTO RONALDO KOTSCHO ©5 FOTO LUÍS CRISPINO

Sócrates morre aos 57

OS ÚLTIMOS MESES DE VIDA, AS COMPLICAÇÕES DECORRENTES DO ALCOOLISMO E A REPERCUSSÃO DE SUA MORTE AO REDOR DO MUNDO

POR PEDRO PROENÇA

Circulou na internet que em 1983, um ano depois de encantar o mundo com a Seleção Brasileira e de ter conquistado o primeiro título paulista da Democracia Corintiana, ele teria declarado que queria morrer num domingo e com o Corinthians campeão. Verdade ou não, foi exatamente isso o que aconteceu.

Às 4h30 do dia 4 de dezembro de 2011, o ex-jogador morreu em consequência de um choque séptico, infecção generalizada causada por uma bactéria. Cerca de 14 horas e meia depois de sua morte, o Corinthians empatava com o Palmeiras sem gols e era campeão brasileiro pela quinta vez.

Seu corpo foi levado para o cemitério Bom Pastor em Ribeirão Preto, onde chegou por volta das 14 horas. Cerca de 4000 pessoas foram se despedir do craque, que era muito ligado à cidade. Ele estudou no Colégio Marista e, depois, na Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão. Foi lá que começou e encerrou sua carreira num dos principais tomes locais, o Botafogo. Eram de lá seus amigos mais antigos e queridos.

Além de camisas do Botinha, era possível ver fãs com camisas do Corinthians, o clube pelo qual teve maior destaque, do Flamengo, onde jogou entre 1985 e 1986, do Santos, seu time de infância e onde jogou entre os anos de 1988 e 1989, e até do Palmeiras, de quem foi algoz em tantas ocasiões.

Enquanto seu corpo descia à terra, por volta das 17 horas, Corinthians e Palmeiras entravam no Pacaembu. Depois do Hino Nacional e dos tradicionais cumprimentos entre as equipes, os jogadores dos dois clubes formaram um círculo no meio de campo para prestar um minuto de silêncio em homenagem ao ídolo. Os atletas corintianos então levantaram o braço com os punhos cerrados, como o Doutor fazia para comemorar seus gols, inspirado nos Panteras Negras americanos. Boa parte dos 36708 pagantes presentes no Pacaembu, então, fizeram o estádio pulsar bradando: "É... Sócrates!".

Os problemas de saúde começaram a se manifestar em 19 de agosto deste ano, quando ele foi internado na UTI do hospital Albert Einstein, em São Paulo, vítima de uma hemorragia digestiva. Os médicos conseguiram baixar sua pressão arterial e estancar o sangramento.

O quadro era grave e sua vida estava em jogo. A equipe médica e o organismo de Sócrates, no entanto, trabalharam com eficiência e fizeram com que o Doutor vencesse aquela partida. No dia 21 de agosto, seu quadro já era estável, ele respirava sem a ajuda de aparelhos e já se alimentava por via oral.

Transplante

Apesar do alívio momentâneo, um transplante de fígado chegou a ser aventado. Em entrevista que foi ao ar no programa *Fantástico* (Rede Globo) de 28 de agosto, ele rechaçou a ideia: "Estão falando em transplante. Não tenho nada contra transplante, transplante cardíaco, de pâncreas, pulmão, de rim. Só que tenho que estar na lista. Se eu não estiver na lista, eu não furo fila. Eu não estou nessa lista".

Espirituoso, o ex-jogador ainda encontrou forças para brincar com a situação. No dia 23 de agosto, ao receber a visita do jornalista e amigo Juca Kfouri, que lhe perguntou se não estava na hora de criar juízo, respondeu, sem pestanejar: "Mas é claro. Eu estou aqui para arrumar emprego".

E essa possibilidade chegou de fato a virar algo concreto, quando o doutor Bem Hur Ferraz Neto convidou o Magrão para integrar a equipe de transplante de fígado do hospital. Sócrates declarou ter ficado entusiasmado com a ideia: "Vou trabalhar, já comecei a estudar, vou trabalhar com hepato, principalmente na parte política, da divulgação, da informação, da conscientização sobre a importância dessa questão".

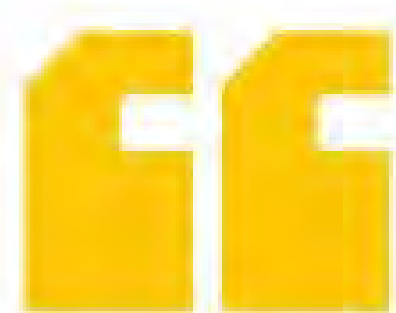
Sócrates em junho de 2011, em conversa com PLACAR

© 1 FOTO RENATO PIZZUTTO

Corinthians homenageia Sócrates antes do jogo contra o Palmeiras, que deu ao Timão o título brasileiro

Alcoolismo

Por outro lado, o susto trouxe à baila um problema historicamente negligenciado pelo ex-jogador: o alcoolismo. Seus problemas no fígado foram decorrentes do consumo prolongado de bebidas. "Eu tenho um ponto cirrótico. É uma lesão causada, fundamentalmente, por álcool", declarou ao *Fantástico*.

Na mesma entrevista, admitiu que era dependente: "Quem bebe cotidianamente é alcoólatra, mas não tomava todo o dia, estava havia três meses sem beber". Contudo, esses "três meses" não eram exatamente 90 dias. Afinal, dias antes, em entrevista à *Folha de S.Paulo* de 26 de agosto, ele admitia ter tomado "uma cervejinhas" em Cuba, onde estivera havia menos de dois meses. "Mas muito pouco, comparativamente com o que eu bebia", frisou.

Um dia triste. Por ironia, o destino nos levou Sócrates exatamente no dia de uma grande decisão do futebol brasileiro...

Zico, *ex-jogador do Flamengo e da Seleção Brasileira, onde atuou ao lado de Sócrates*

Apesar de admitir o vício, Sócrates declarou que não sentia falta da bebida: "Nunca tive abstinência, tremores... Posso ficar dias, meses sem beber. *(A bebida)* é mais uma coisa comportamental, uma coisa importante para mim, talvez pela minha timidez, não sei. O álcool, de certa forma, é uma companhia, como o cigarro é. Um companheiro para ajudar a conviver nessa sociedade louca", declarou à *Folha de S.Paulo*.

Em 27 de agosto, ele teve alta do hospital e, nessa mesma entrevista à *Folha*, demonstrava bastante otimismo: "O que acontecerá comigo é o seguinte: vou parar de beber, meu fígado vai melhorar pra caramba e eu não vou precisar mexer em nada".

E ainda declarou que encheria muito o saco do povo brasileiro, que incomodaria bastante.

Seu repouso, porém, não durou muito: em 5 de setembro ele estava de volta à UTI do Hospital Albert Einstein vítima de outra hemorragia digestiva, desta vez um sangramento no esôfago. O estado, novamente, era grave. Os médicos deixaram Sócrates em coma induzido e respirando por aparelhos.

Sensível à situação do ídolo, no dia 8 de outubro o Corinthians, na heroica virada por 2 x 1 contra o Flamengo, estampou "Dr Sócrates" na camisa de todos os jogadores.

No hospital, a situação era preocupante: ele ficou internado até as 9h45min do dia 22 de setembro, quando teve alta. Nesse período, sua mulher expôs a intenção do ex-jogador de fazer campanha contra o alcoolismo. A hipótese do transplante de fígado voltou a ser pensada. Ele saiu do hospital bastante debilitado mas otimista, pensando que venceria a batalha.

Seguiu fazendo sessões de fisioterapia, evitando o álcool e comidas gordurosas. Sua intenção declarada era aproveitar a "nova vida" que recebera. Passou outubro e novembro praticamente longe dos problemas e com a situação estabilizada. Na noite de 2 de dezembro, depois de jantar com amigos, passou mal e foi internado pela terceira e última vez.

Sua morte causou comoção no país, na imprensa internacional e junto a personalidades do esporte, da política e das artes.

O que eles disseram

Os principais jornais do mundo não ficaram alheios à morte do craque.

O *El País*, principal jornal da Espanha, classificou o Magrão como "o democrata do futebol", lembrou de sua decisiva participação no movimento que deu aos jogadores alvinegros participação ativa nas decisões do clube e destacou sua elegância com a bola na Copa de 1982.

O *Olé*, da Argentina, despediu-se com a seguinte manchete: "Foi-se um grande". A matéria destacava a exuberante técnica do "futebol socrático", sua capacidade de liderança dentro e fora do gramado e o fato de ele ter se engajado nas lutas políticas contra o regime militar.

O *Le Monde*, da França, prestou sua homenagem com o seguinte título: "Sócrates, jogador romântico e revolucionário". A publicação lembrou de suas diversas facetas, craque nos gramados, médico e boêmio, e o classificou como um arquétipo do futebol romântico e alegre da Seleção de 1982. O *Le Monde* ainda ressaltou o fato de Sócrates ser irmão de Raí, que marcou época no Paris Saint-Germain.

O *Corriere dela Sera*, principal jornal italiano, destacou a genialidade e a precisão do brasileiro, além de seu lado político e antiatleta (frisando sua relação com o fumo e com o álcool). Lembrou também de sua apagada passagem pela Fiorentina.

Sócrates brilhou nos estaduais de 1982 e 1983 com a 8 alvinegra

2

1 FOTO RENATO PIZZUTTO 2 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

A formatura na faculdade de medicina, em 1977

Do bisturi à bola

FOI NO BOTAFOGO DE RIBEIRÃO E NO CORINTHIANS, SUAS GRANDES PAIXÕES, ONDE O DOUTOR MOSTROU SEU MELHOR FUTEBOL. FEZ 316 GOLS E TEVE 6 FILHOS

POR PEDRO PROENÇA

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira nasceu em 19/2/1954 em Belém (PA). Mudou-se para Ribeirão Preto (SP) em 1960. Formou-se em medicina em 1977 pela USP de Ribeirão.

Estreou no futebol profissional em 28 de julho de 1972 em Campo Grande (0 x 0 contra um combinado Operário/Comercial), durante suas férias na Universidade de São Paulo. Foi "puxado" dos juniores para a excursão do Botafogo no Mato Grosso.

Estreou em torneios oficiais no dia 18 de março de 1973 (1 x 1 contra o Juventus), pelo Campeonato Paulista, no estádio Santa Cruz. Entrou no lugar de Geraldo.

Estreou com a camisa do Corinthians em 20 de agosto de 1978, no empate contra o Santos por 1 x 1 pelo Paulistão. Na Seleção Brasileira, sua primeira partida foi na goleada por 6 x 0 no amistoso contra o Paraguai, no Maracanã, em 17 de maio de 1979. Fez sua última partida como profissional no dia 12 de novembro de 1989 no jogo Botafogo 0 x 0 São José.

Casou-se 4 vezes e teve 6 filhos.

Por onde jogou

BOTAFOGO (RP)
1972-1978 E 1989
269 JOGOS, 101 GOLS
Campeão da Taça Cidade de São Paulo em 1977

FLAMENGO
1985-1987
20 JOGOS, 5 GOLS
Campeão Carioca em 1986

CORINTHIANS
1978-1984
297 JOGOS, 172 GOLS
Campeão Paulista em 1979, 1982 e 1983

SANTOS
1988
23 JOGOS, 7 GOLS

FIORENTINA
1984-1985
33 JOGOS, 9 GOLS

SEL. BRASILEIRA
1979 A 1986
60 JOGOS, 22 GOLS
Disputou as Copas de 1982 e 1986

FONTES: *ALMANAQUE DO CORINTHIANS* (CELSO UNZELTE), *BOTAFOGO - UMA HISTÓRIA DE AMOR E GLÓRIAS* (IGOR RAMOS), *ALMANAQUE DO FLAMENGO* (ROBERTO ASSAF E CLÓVIS MARTINS), SITES DA CBF E DO SANTOS